FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
NÚCLEO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM GEOGRAFIA

MARCOS AURELIO MARQUES

LITERATURA E GEOGRAFIA:
A POÉTICA DO LUGAR EM THIAGO DE MELLO

Dissertação de mestrado apresentada ao mestrado em geografia, da Universidade Federal de Rondônia-UNIR, para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientador: Dr. Josué da Costa Silva

PORTO VELHO
2010

Poética I

(Vinicius de Moraes)

De manhã escureço
De dia tardo
De tarde anoiteço
De noite ardo.

A oeste a morte
Contra quem vivo
Do sul cativo
O este é meu norte.

Outros que contem
Passo por passo:
Eu morro ontem

Nasço amanhã
Ando onde há espaço:
– Meu tempo é quando.

MESTRADO EM GEOGRAFIA - UNIR
A Amazônia e Políticas de Gestão Territorial

PPGG

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
UNIR

NÚCLEO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE MESTRADO EM GEOGRAFIA

ATA DE DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Marcos Aurélio Marques

A Banca de defesa de Mestrado presidida pelo orientador Prof. Dr. Josué da Costa Silva e constituída pelos examinadores Prof. Dr. Wolf-Dietrich Sahr e pela Profa. Dra. Ana Maria Felipini Neves, reuniu-se no dia 22 de setembro de 2010, às 19:00 horas no Auditório Paulo Freire, para avaliar a Dissertação de Mestrado intitulada "*Literatura e Geografia: a Poética do Lugar em Thiago Mello*" do mestrando *Marcos Aurélio Marques*, matrícula 200910103. Após a explanação do mestrando, e sua argüição pela Banca Examinadora, a referida dissertação foi avaliada e de acordo com as normas estabelecidas pelo Regimento do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Geografia foi considerada APROVADO. Conforme determinação do Colegiado do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Geografia, o candidato tem o prazo de até 90 (noventa) dias, a contar desta data, para realizar as correções sugeridas pela banca e entregar as cópias definitiva de sua dissertação.

Porto Velho, 22 de setembro de 2010.

Prof. Dr. Josué da Costa Silva
Orientador

Prof. Dr. Wolf-Dietrich Sahr
Examinador

Profa. Dra. Ana Maria Felipini Neves
Examinadora

FICHA CATALOGRÁFICA

BIBLIOTECA PROF. ROBERTO DUARTE PIRES

Marques, Marcos Aurelio

M3573l

Literatura e geografia: a poética do lugar em Thiago de Mello. / Marcos Aurelio Marques. Porto Velho, Rondônia, 2010
103f.

Dissertação (Mestrado em Geografia) Universidade Federal de Rondônia / UNIR.

Orientador: Prof. Dr. Josué da Costa Silva.

1. Amazônia 2. Cultura 3. Geografia humana 4. Literatura I. Silva, Josué da Costa II. Título.

CDU: 911.3(811.1)

Bibliotecária Responsável: Ozelina Saldanha CRB11/947

DEDICATÓRIA

Para Eva Moraes Marques, mãe, guerreira, incentivadora e primeira orientadora no árduo caminho do estudo e da busca pelo conhecimento, que com seu amor e dedicação materna cobriu a mim a as minhas irmãs com o sentido verdadeiro da vida.

Às minhas irmãs, Débora e Denise, que comigo dividiram momentos de alegria e de luta nesses anos que trilhamos lado a lado a longa e bela estrada da existência.

Para Jorge Emmanuel dos Santos Marques e Isadora Camila Marques, as grandes fontes de inspiração para tudo que faço e conquisto.

Ao poeta Thiago de Mello, por seus poemas e sua existência.

AGRADECIMENTOS

Ao professor Josué da Costa Silva, primeiro por ter aberto espaço para que uma pesquisa envolvendo literatura se desenvolvesse no âmbito do Mestrado em Geografia. Em segundo lugar, pela orientação, conselhos e contribuições ao longo do desenvolvimento da pesquisa aqui concretizada.

À professora Ana Maria Filipini que, ao fazer parte da banca de qualificação, conferiu importantes contribuições nos aspectos literários do texto.

Ao professor Adnilson de Almeida Silva que contribuiu para que o texto, ao falar da literatura, mantivesse também a linguagem geográfica.

Aos professores que ministraram disciplinas no programa, sendo fundamentais nesse esforço coletivo no qual consiste uma pesquisa, em especial aos professores Alberto Lins Caldas e Maria das Graças.

Ao professor Miguel Nenevé, meu primeiro amigo em Rondônia, com o qual tive a imensa felicidade de cursar uma disciplina no Programa de Mestrado em Desenvolvimento Regional, e que tão decisivamente contribui a discussão teórica empreendida nesta dissertação.

Ao professor Wolf Dietrich Saar, com quem tive a satisfação de cursar uma disciplina no Programa de Mestrado e Doutorado da Universidade Federal do Paraná – UFPR, na cidade de Curitiba, pelas indicações bibliográficas que fazem parte deste trabalho.

À Companheira Ludimila Navarrete, a mulher que carrega a manhã em seus olhos, pelo incentivo, compreensão e ternura que tem dedicado a mim, possibilitando-me encontrar a paz e a inspiração necessárias à realização desta pesquisa.

Aos colegas de turma com os quais compartilhei momentos de descontração e debates que levaram a importantes reflexões que indiretamente fazem parte deste trabalho.

Às professoras e amigas Helena Zoraide e Maria Luzia Godói, pelos conselhos e sugestões.

Ao poeta e ensaísta Affonso Romano de Sant’Anna, com quem troquei correspondências, impressões e aflições que tanto contribuiram para a consolidação teórica do texto.

À CAPES, pelo apoio à realização da dissertação.

RESUMO

A presente pesquisa propõe a análise de textos literários sob uma ótica geográfica. Dessa forma, busca mostrar como a literatura tem sido utilizada como fonte para geografia e como ela pode contribuir para um grau maior de humanização da ciência geográfica. Especificamente neste trabalho, fez-se uma leitura atenta da produção literária do poeta amazonense Thiago de Mello correspondente ao período entre 1952 e 1981, procurando demonstrar como o texto poético pode estabelecer reflexões e ser uma forma de representação de um determinado lugar. No caso de Thiago de Mello, esse lugar é a Amazônia. Para empreender uma compreensão de forma mais contextualizada, buscou-se entender o contexto cultural amazônico. A análise geográfica dos poemas de Thiago de Mello pauta-se predominantemente pela categoria geográfica de lugar, pois entende-se que os poemas aqui analisados constituem-se em uma poética do lugar e ao mesmo tempo constituem uma visão poética e humanizada da região amazônica. O principal suporte teórico é dado pelo geógrafo canadense Marc Brosseau que propõe um diálogo entre geografia e literatura.

Palavras-Chave: Amazônia. cultura. geografia humana. literatura.

RESUMÉ

Cette recherche propose l'analyse de textes littéraires dans une perspective géographique. Ainsi, nous cherchons à démontrer comme la littérature a été utilisée comme une source pour la géographie et la façon comme elle peut contribuer à une plus grande humanisation de la science géographique. Dans ce travaille on a fait une lecture de la production littéraire du poète amazonienne Thiago de Mello dans la période entre 1952 et 1981. On cherche montrer comme le texte poétique peut fournir des reflexions et comme il est aussi une forme de représentation d'un lieu. Dans le cas de Thiago de Mello, ce lieu est l'Amazonie. Pour avoir une compréhension plus contextualisée nous cherchons à comprendre le contexte culturel de l'Amazonie. L'analyse géographique des poèmes de Thiago de Mello est guidé sourtout pour la catégorie géographique du lieu, une fois que nous comprenons que les poèmes ici analysés constituent une poétique du lieu et au même temps sont aussi une vision poétique et humanisé de la région amazonienne. Le principal soutien théorique est doné pour le géographe canadien Marc Brosseau qui propose le dialogue entre la géographie et la littérature.

Mots-Clé: Amazonie. culture. géographie humaine. littérature.

ABSTRACT

This research proposes the analyses of literary texts under the geographic look. This way, it aims to demonstrate how Literature has been used as a source to Geography and how it can contribute to a greater level of humanization of the geographic science. Specifically in this work, we conducted a more acute reading of the amazonense poet Thiago de Mello's literary production in the period between 1952 and 1981, aiming to show how the poetic text can allow reflections and be a way of representing a specific place. In the case of Thiago de Mello, this place is the Amazon. In order to have a comprehension in a more contextualized way, we aimed to understand the Amazon cultural context. The geographic analyses of Thiago de Mello's poems is based predominantly on the geographic category of place, since we understand that the poems here analyzed constitute a poetics of place as well as a poetic and humanized view of the Amazon region. The main theoretical support is given by the Canadian geographer Marc Bosseau who proposes a dialogue between Geography and Literature.

Key-words: Amazon. culture. Human Geography. Literature.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....11

I. GEOGRAFIA E LITERATURA.....16

1.1 Geografia e a abordagem humanista.....17

1.2 Literatura e representação social.....21

1.3 Modernidade e releitura do mundo.....26

1.4 Geografia e Literatura: um diálogo possível.....29

II. LINGUAGEM E GEOGRAFICIDADE.....42

2.1 Linguagem e geografia.....43

2.2 Geografia na literatura.....49

III. O ESPAÇO DA CULTURA AMAZÔNICA.....58

3.1 A invenção de um espaço.....59

3.2 Cultura amazônica.....63

IV. A POÉTICA DO LUGAR EM THIAGO DE MELLO.....70

4.1 O lugar do poeta e o poeta do lugar.....71

4.2 A Amazônia poética de Thiago de Mello.....72

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....95

BIBLIOGRAFIA.....98

APRESENTAÇÃO

A concretização dessa pesquisa, que tem como produto final a dissertação que agora se apresenta, tem dois passos fundamentais. O primeiro deles é dado ainda na infância e nos primeiros anos de juventude e acontece ao embarcar na fantástica viagem que é a literatura.

Os livros infanto-juvenis iniciaram a caminhada e despertaram a paixão pela linguagem diferente e única que se concretiza em obras de arte. Anos mais tarde veio outra literatura. Os romancistas que vieram como um córrego, Saramago, Calvino, Balzac. A poesia como uma enchente amazônica, Pessoa, Drummond, Rimbaud, Álvares, Bandeira, Gullar, Sant'Anna.

E entre tantos passeios nas bibliotecas da cidade onde nasci, certo dia me deparei com um livro que me encantou já pelo título, *Faz escuro, mas eu canto.* Eram poemas de um caboclo da Amazônia chamado Thiago de Mello. Não sabia que ali me deparava com alguns dos poemas mais conhecidos e importantes da nossa literatura, como o poema *Os estatutos do homem.* Mas entendi, na leitura de poemas como *A vida verdadeira,* que eu encontrava ali uma voz verde de esperança, uma voz que cantava a manhã e a expectativa por uma vida melhor a quem chamava de o poeta chamava de irmãos.

O segundo passo aconteceu ao buscar a pós-graduação, o que me levou ao Programa de Mestrado em Geografia da Universidade Federal de Rondônia. Esse passo representa uma mudança de perspectiva pessoal e profissional. No aspecto pessoal, uma transformação significativa, uma vez que o Programa de Mestrado na área das Ciências Humanas é um acréscimo enquanto sujeito ao representar uma nova forma de entender o humano em toda a sua complexidade. No aspecto profissional, o Programa representa a afirmação enquanto pesquisador e docente.

E é exatamente esse crescimento enquanto pesquisador que acaba por ser o fundamental desses dois anos de trabalho. Trabalhar um objeto de pesquisa como a literatura, e dele extrair resultados que contribuam para um melhor entendimento da Amazônia é gratificante. Da mesma forma que contribuir para a ciência geográfica com esse objeto de análise que consiste a poesia é uma forma de somar forças para um maior grau de humanização da ciência.

É impossível passar dois anos debruçado sobre um campo tão vasto e aberto à análise e isso não representar um avanço para uma melhor compreensão do mundo, sobretudo, uma melhor compreensão do outro, das diferenças entre as culturas e as diferentes visões de mundo que tanto enriquecem a construção do espaço. E, nesse sentido, a conclusão do Mestrado em Geografia é a sedimentação de uma forma de ver o mundo.

INTRODUÇÃO

Pode parecer repetitivo dizer que o humano não existe sem um onde e um quando, ou seja, sem espaço e sem tempo. Somos assim constituídos por esses dois elementos. Isso é intrínseco à nossa existência e às coisas que compõem o mundo. Vinicius de Moraes, em seu poema *Poética*, é emblemático nesse sentido ao escrever “ando onde há espaço, meu tempo é quando”. O poema que serve de epígrafe a este trabalho demonstra como, na poesia, as dimensões de tempo e de espaço atingem novos contornos. Assim como para o ser, também para a poesia, espaço e tempo são as matérias que a constitui.

O nosso trabalho se propõe a refletir sobre como a literatura pode oferecer à geografia elementos que podem nos levar a uma compreensão do espaço. Isso nos impulsiona a pensar na cultura como um todo e entender a literatura dentro do contexto cultural. O autor escolhido para realização desta pesquisa foi Thiago de Mello, poeta amazonense nascido na cidade de Barreirinha, o qual ainda hoje vive em sua cidade natal. Pretendemos, assim, entender a cultura amazônica, uma vez que a obra poética de Thiago de Mello propõe uma Amazônia considerada como agente da sua própria história, sob um ponto de vista autônomo e não mais impregnada pelo ponto de vista do colonizador.

Percebemos que a proposta de trazer a literatura para um diálogo com a geografia é relevante, pois nos trás a representação do lugar de uma forma sensível, permitindo-nos olhar este lugar com uma densidade emotiva, fugindo talvez, de um olhar mais material da pessoa humana.

Na trajetória da pesquisa, a pergunta mais frequentemente respondida foi sobre qual é a relação existente entre geografia e literatura. A nossa formatação de pensar o mundo, sobretudo quando envolve a produção acadêmica, ainda é muito escrava da divisão irrestrita das áreas do conhecimento ou das chamadas ciências. Em geral, dificilmente se consegue imaginar que possamos cruzar essas fronteiras tão rigidamente estabelecidas. Mais profano ainda parece quando colocamos uma proposta não apenas de cruzar, mas de transitar entre esses limites.

Esta constante fragmentação da produção científica tende a propor sempre uma compreensão também fragmentada dos sujeitos, o que é exatamente o inverso de nosso trabalho.

Somos cientes de que a academia é o lugar da produção do conhecimento, entretanto, temos a consciência que este conhecimento não é produzido exclusivamente na academia. A vivência humana está em toda parte onde homens e mulheres constroem e significam seus espaços.

Desta forma, no primeiro capítulo, procuramos discutir o que pode ser objeto de estudo da geografia e o que pode ser objeto de estudo da literatura, ou melhor, da teoria da literatura. O mais importante é que, ao procurar o que cada uma dessas áreas do conhecimento tem de específico, procuramos encontrar seus pontos de intersecção. É o que torna nosso trabalho possível e nossa abordagem coerente.

Assim, discutimos a formação da ciência geográfica e a sempre presente dicotomia entre o enfoque humano e físico. Encontramos em Horácio Capel (1981) e Paul Claval (1999) a indicação do desenvolvimento da abordagem humanista em geografia. Ainda compartilhamos o entendimento de Spósito (2003), o qual considera que a geografia humanista, ao buscar compreender o mundo, encontra nos aspectos subjetivos, nos sentimentos, nas experiências e no simbolismo a base da inteligibilidade.

Da mesma forma, procuramos relatar brevemente como a literatura constituiu-se em objeto de estudo e ensino. Buscamos refletir como a literatura, no entendimento de Perrone-Moisés (2000), pode ser uma leitura crítica do real e um exercício de liberdade. São justamente a criticidade e a liberdade presentes na natureza do texto literário que permitem leituras sob os mais diversos aspectos.

A possibilidade de diálogo entre a geografia e a literatura é a conclusão do capítulo. Chegamos à conclusão de que diversos geógrafos têm se utilizado das fontes literárias a fim de uma melhor compreensão da construção do espaço.

> A geografia é uma ciência moderna, concebida, sistematizada e institucionalizada na modernidade segundo seus preceitos. No entanto, suas raízes, firmadas há milênios na experiência humana do espaço, extrapola quaisquer limites artificialmente estabelecidos. Se um núcleo duro de sua ciência busca no discurso metódico e no rigor acadêmico sua legitimidade, há uma fronteira interdisciplinar em que os limites são

> nebulosos e as regras do jogo são mais flexíveis. Nessa ampla área difusa, as fronteiras dos conhecimentos se confundem numa promiscuidade fecunda. Ali se encontram Geografia e Literatura, buscando assunto para conversar (MARONDOLA JR & GRATÃO, 2010, p. 11).

E embora seja a geografia uma ciência moderna, a vivência humana do espaço é milenar como a literatura. E o caráter interdisciplinar da geografia, defendido por Milton Santos e Marc Brosseau, permite que o assunto com a geografia seja inesgotável.

O segundo capítulo trata das questões metodológicas que serão utilizadas, bem como dos principais instrumentos teóricos que nos serviram de suporte para o desenvolvimento do diálogo estabelecido entre as duas áreas do conhecimento aqui abordadas, geografia e literatura.

Seguimos o exemplo de Brosseau (1996, p. 21) que, ao analisar o romance de Julien Gracq, fala que para este autor os lugares e as paisagens são objetos de celebração permanente. O caso de Thiago de Mello e o fato de tê-lo escolhido para ser o objeto de estudo desta pesquisa são semelhantes. A Amazônia para o poeta é uma constante celebração, onde o poeta se maravilha com a grandiosidade da floresta e dos rios, com a diversidade da fauna e da flora, sem esquecer que em meio a tudo isso há a presença humana, muito antes inclusive, da chegada do colonizador. Quando o poeta celebra o lugar com a presença humana, inclusive em muitos poemas denunciando a miséria que se espalha pela região, chegamos ao centro do que pretendemos analisar.

Para que tal intento se concretize de forma coerente, tratarmos da questão linguistica, sobretudo, a forma como a linguagem é utilizada por geógrafos nas reflexões dentro da geografia humana. Com as leituras de Spósito (2003) e Claval (1999) que, ao discutir a geografia cultural, trata a linguagem como fato de interiorização da cultura construindo assim o indivíduo social.

Ainda no segundo capítulo é levado em conta o que Octávio Paz (1976, p. 96), que nos acompanha durante todo o trabalho, discorre sobre a relação mantida entre literatura e sociedade e como ela é intermediada pela linguagem. Além das considerações sobre a linguagem, buscamos também trazer para o trabalho alguns conceitos chaves, como o da categoria geográfica de lugar. Utilizamos o conceito do geógrafo Yi-Fu Tuan (1983), uma vez que ele considera lugar um centro ao qual

atribuímos valor. A compreensão de Tuan permite que um tema como a literatura possa ser revelador da forma como os humanos percebem e significam seu espaço.

É indispensável ressaltar mais uma vez a importância que o pensamento de Marc Brosseau (1996) teve na tessitura do trabalho, pois o geógrafo canadense observa as pesquisas que envolvem geografia e literatura como a possibilidade de um diálogo em que as duas áreas se enriquecem.

Às reflexões sobre a cultura amazônica, bem como sobre o processo de colonização da região e como se deu a influência sobre a cultura amazônica, é dedicado o terceiro capítulo do trabalho. Isso é um fator fundamental na contextualização do tema da pesquisa, uma vez que a poesia de Thiago de Mello assume um discurso com perfil pós-colonialista.

A teoria pós-colonial surge na década de 70 como uma forma de repensar as regiões colonizadas a partir do ponto de vista do colonizado, pois ao final da colonização oficial na década de 70, ficou o espólio ideológico. É contra a ideologia colonizadora que pensadores como Edward Said, Homi Bhabha, Albert Memmi, Frantz Fanon se contrapõem. No trabalho, privilegiamos principalmente Edward Said e sua compreensão do como a relação de dominação entre colonizador e colonizado ocorre no âmbito da cultura e das construções discursivas de um sobre o outro.

Para entender a realidade amazônica, trouxemos à luz a obra de Paes Loureiro (2001) e Marcio Souza (2009), dois grandes nomes na construção de um discurso pós-colonial da Amazônia.

Paes Loureiro compreende a Amazônia como uma cultura influenciada em primeira instância pela cultura do caboclo, sem desconsiderar, obviamente, a cultura de outros grupos sociais como os indígenas e nordestinos. O que é comum aos dois autores é o fato de ambos considerarem a cultura da Amazônia como uma cultura com características próprias e que se inicia muito antes da chegada dos colonizadores de diferentes épocas que aqui aportam nos últimos 400 anos.

O quarto e último capítulo são, enfim, dedicados ao tema do trabalho, que é a análise dos aspectos geográficos que encontramos nos poemas de Thiago de Mello, tendo por recorte o livro *Mormaço na Floresta* publicado pela primeira vez em 1981 e do qual faz parte o poema *Amazonas, a pátria da água.*

O livro e em especial o referido poema trazem em si uma constituição poética da Amazônia ao mesmo tempo em que podemos identificar no contexto geral do livro uma poética do lugar.

Em nossa leitura, pudemos extrair dos poemas de *Mormaço na Floresta* exemplos dos modos de vida dos habitantes da Amazônia, do seu cotidiano e de suas lutas contra a degradação da floresta e dos moradores da Amazônia. Também é possível, no campo estético e da análise literária, entender a obra como uma poética do lugar, devido ao conjunto dos recursos expressivos conduzir a esta conclusão.

No quarto capítulo a discussão de Todorov (2008) de que a poética estuda a "literariedade" do texto nos impele a compreender o conjunto de recursos expressivos de Thiago de Mello, pois é o que nos permite compreender esteticamente o texto do poeta. Buscamos entender o que torna os poemas de Thiago de Mello como obra de arte na qual é refletida a realidade amazônica.

Recorremos mais uma vez a Loureiro (2001) para estabelecer uma ligação entre a compreensão da cultura da Amazônia e a constituição física. Os poemas de Thiago de Mello tratam dos dois aspectos, pois em sua poética, eles são intrínsecos.

Na Amazônia, a imensidão dos rios, a floresta, as diversas comunidades e culturas se entrelaçam e constituem o lugar, devido a esta relação ser impregnada de valor afetivo. E os poemas de Thiago de Mello são a representação poética da rica e milenar cultura que constituem o lugar.

I. A GEOGRAFIA E A LITERATURA

O SILÊNCIO DA FLORESTA

Tem consistência física,
espessamente doce,
o silêncio noturno da floresta.
Não é como o altiplano andino,
compacto de vento e vastidão,
cujos dentes de neve
morderam minha solidão.
Nem como o silêncio aterrador
(no meu âmago o tempo brilha imóvel)
do deserto chileno de Atacama,
onde, um entardecer,
estirado entre areia e pedras,
escutei cheio de assombro
o latir do meu próprio coração.

O silêncio da floresta é sonoro:
os cânticos dos pássaros da noite
fazem parte dele, nascem dele,
são a voz aconchegante.

Sozinho no centro da noite amazônica,
escuto o poder mágico do silêncio,
agora quando os pássaros
conversam com as estrelas,
e recito silenciosamente
o nome lindo da mulher que eu amo.

(Thiago de Mello)

1.1 GEOGRAFIA E ABORDAGEM HUMANISTA

Não é exagero falar que as pesquisas, envolvendo geografia e literatura, têm crescido e ganhado corpo no cenário nacional. Em praticamente todas as regiões do Brasil, encontramos pesquisadores que se dedicam a este tema.

Um grande exemplo disto foi a realização do I Seminário Nacional de Geografia, Literatura e Arte realizado na cidade de Salvador, nos dias 08 e 09 de junho de 2010, sob organização da professora Dra. Maria Auxiliadora da UFBA, com a apresentação de diversos trabalhos sob diferentes enfoques, envolvendo as duas disciplinas.

O encontro, realizado pela primeira vez, congregou pesquisadores, sobretudo geógrafos, que buscam desenvolver trabalhos na interdisciplinaridade que se estabelece entre a geografia e a literatura. Um evento como este é a prova de que o diálogo entre as duas áreas tem encontrado assunto. É uma amostra que leituras geográficas de Clarice Lispector, Jorge Amado ou Graciliano Ramos podem e devem contribuir para a geografia, assim como a geografia se estabelece como mais uma possível maneira de ler escritores e escritoras de diferentes épocas e lugares.

Não resta dúvida de que a busca por uma geografia com um enfoque mais subjetivo, mais humanizado, considerando a percepção dos lugares e a apreensão do espaço pelo sujeito tem impulsionado geógrafos e geógrafas a recorrerem às fontes literárias como forma de ali encontrar o sentimento de pertencimento aos lugares.

A geografia surge como disciplina universitária no século XIX. É o ano da institucionalização da geografia na Europa e em suas instituições de ensino superior. É o século das grandes transformações dentro do contexto Europeu, com a solidificação da sociedade moderna, da Revolução Industrial e consequente consolidação da classe burguesa. É também no século XIX que identificamos os considerados precursores da geografia moderna.

Entre eles, destacamos Humboldt, que considerada que os fenômenos não são isolados, que há conexão entre os fenômenos sobre o globo. Em Ritter encontramos o pensamento que leva à solidificação do determinismo geográfico que

predominou no final do século XIX, a ele também é dado o mérito de ter levado a geografia para a escola. Em Ratzel, está a busca de uma relação do meio com o humano (MOREIRA, 2008, p. 14).

Ao nosso trabalho, que se desenvolve no âmbito da geografia humana, interessa esclarecer como ela possibilita que sejam utilizadas fontes literárias no processo de construção do conhecimento e na compreensão das mais complexas relações sociais em diferentes épocas. Embora a geografia tenha nascido “para descrever a terra e assinalar sua diversidade” (CLAVAL, 1999, p. 19), no final do século XIX, “as relações sociedade/meio tornam-se centrais para a disciplina: Friedrich Ratzel forja no debate dos anos 1880 o termo antropogeografia para designar esse campo de investigação”(CLAVAL, 1999, P. 19).

Assim como em Paul Claval, encontramos também nos estudos de Horacio Capel (1981) a idéia de que no primeiro momento do surgimento da geografia moderna, ela se encontra muito presa à idéia de que o meio age sobre o homem. Mas o século XX marca uma mudança fundamental de perspectiva. Ocorre uma revalorização da experiência pessoal que passa a ser levada em consideração na geografia. A nova maneira de encarar a geografia faz com que ela, além de valorizar a dimensão subjetiva do ser humano, passe a buscar entender de que forma o homem age sobre o meio.

De uma forma ou de outra, a geografia humana, desde suas matrizes, está assentada na busca, em um primeiro momento de explicar os humanos em suas relações com o meio. Em um segundo momento na tentativa de compreendê-lo.

> A Geografia da Civilização, por seu turno, se firma no discurso da relação do homem com o meio no globo. E tem sua autoria numa pluralidade universal de pensadores que inclui de Ratzel, na Alemanha, e Reclus e Vidal de La Blache, na França, a Marsh e Sauer, nos Estados Unidos. É de onde vêm as grandes matrizes. (MOREIRA, 2008, p. 21)

A luta pela definição de qual seria o objeto, então, da nova ciência geográfica parece travar-se desde seu nascimento. As divisões, que ainda hoje ocorrem, também acompanham o desenvolvimento do pensamento geográfico. Geografia física, econômica, política, histórica são alguns exemplos elencados por Capel (1981, p. 115) já no processo de institucionalização do ensino de geografia na

França. Mas desde sempre, a grande divisão se dá em dois eixos, o da geografia física e o da geografia humana.

Em nossa maneira de observar a geografia, isso não é uma dicotomia, pois não imaginamos o humano sem o meio físico e nem o meio físico sem o humano, o que nos leva a crer que as duas realidades são intrínsecas e estudar uma é inexoravelmente estudar a outra.

Podemos observar que a geografia humana, nasce na intersecção de outras disciplinas.

> A Geografia Humana surge na fronteira com a Sociologia e a Antropologia, duas formas de ciência que vão ter de encontrar nas regras e normas institucionais da sociedade o padrão de modelagem que equivalham ao que a relação matemática é nas ciências naturais do inorgânico (MOREIRA, 2008, p. 19).

Esse caráter parece ter sempre guiado a consolidação do pensamento geográfico. E de certa forma, esta evolução vai, nos anos 70, aportar em um aumento das abordagens dentro da geografia humanista e da geografia cultural. São elas, na esteira de geógrafos como Sauer, Yi Fu Tuan, Paul Claval, que vão estabelecer espaço para as reflexões que tangem à subjetividade do sujeito e como esta subjetividade é fator determinante na configuração espacial.

> A geografia humanista está assentada na “subjetividade, na intuição, nos sentimentos, na experiência, no simbolismo e na contingência, privilegiando o singular e não o particular ou o universal, e ao invés da explicação, tem na compreensão a base da inteligibilidade do mundo real” (SPOSITO, 2003, p. 100).

Pelas palavras de Sposito é possível entrever como a abordagem geográfica pode permitir um distanciamento da lógica positivista em sua busca do universal, de leis gerais, a fim de explicar os fenômenos. Os seres humanos não são, nem de longe, homogêneos culturalmente. Nem mesmo uma determinada região consegue assim o ser.

Explicar o ser humano a partir de seus questionamentos sobre sua condição, sobre o sentido de suas vidas na terra e entender que este humano sente a necessidade de conferir sentido à sua existência deve ser, segundo Claval (1999, p. 53), o ponto de partida que os geógrafos devem considerar em suas análises.

Em síntese,

> desde que, em 1976, Yi-Fu Tuan propõe falar simplesmente de **abordagem humanista**, a partida está ganha. A nova corrente aparece como um dos componentes indispensáveis de toda *démarche* geográfica. Insistindo sobre o sentido dos lugares, sobre a importância do vivido, sobre o peso das representações religiosas, torna indispensável um estudo aprofundado das realidades culturais. É necessário conhecer a lógica profunda das idéias, das ideologias ou das religiões para ver como elas modelam a experiência que as pessoas têm do mundo e como influem sobre sua ação [grifo do autor].

Temos também uma importante reflexão trazida por Sposito (2003). Ao pensar três momentos da história do pensamento europeu, o autor observa a mudança na pergunta que guiará a busca pelo conhecimento. Até o Renascimento, a pergunta que orientava a busca pela compreensão do mundo era “por quê?”, do fim do período medieval até o século XIX essa pergunta dá lugar à outra, “como?”, uma vez que não se conseguia entender “por quê?”. Isso significou um avanço tendo em vista que libertou o pensamento para a experimentação. Mas o fundamental para nossa perspectiva de trabalho está na pergunta que se estabelece na busca pela compreensão do mundo a partir da modernidade, “para quê?”

> essa pergunta, cujas bases são recentes e demonstram uma nova angústia civilizatória na virada do século XX para o século XXI, surge a partir da procura, depois de se estocar tantos conhecimentos, chegando-se a um nível tecnológico nunca visto, de um sentido mais livre e igualitário (SPOSITO, 2003, p. 82).

Em resumo, podemos entender que a geografia humana busca, sobretudo, compreender o humano e como este, por meio das suas relações sociais, configura-se espacialmente. Isto posto, ao buscar entender o mundo e não apenas explicá-lo, o sentido agora pauta-se em encontrar respostas ao “para quê”?

1.2 LITERATURA E REPRESENTAÇÃO SOCIAL

Pensar as questões que nos envolvem enquanto sociedade é fundamental neste início de século. Para tanto, é preciso olhar o passado com o olhar reflexivo e crítico de uma forma que isto nos possibilite pensar o futuro.

Evidentemente, existem diversas maneiras para se proceder esta empreitada, mas o que pretendemos ressaltar aqui é como a literatura pode e deve contribuir no processo de nos repensarmos enquanto sociedade. A literatura é uma oportunidade para nos identificarmos e nos compreendermos enquanto sociedade histórica e espacial. A literatura pode nos ajudar a compreender um determinado tempo ou trazer em si a configuração expressiva de um determinado lugar. Como nas palavras de Octávio Paz (1976, p. 12), "é inconcebível a existência de uma sociedade sem canções, mitos ou outras expressões poéticas". A constatação do crítico mexicano justifica nosso trabalho, pois assim sendo, não haverá uma sociedade sem literatura nem uma literatura sem sociedade.

A proposta de escrever sobre a relação, que certamente é intrínseca, entre literatura e geografia é salutar uma vez que entendemos a literatura em uma perspectiva como a de Edward Said (2007, p. 84) que, dentro de sua concepção humanista, considera inútil a leitura de um texto literário sem uma preocupação com seu contexto histórico, sem uma investigação até mesmo filológica, sem reflexões críticas que nos levem a nos repensar enquanto humanistas.

Por mais óbvio que pareça, vale sempre a pena ressaltar a importância de ter uma leitura histórica, para que assim se compreenda literatura.

> Todo poema, qualquer que seja sua índole – lírica, épica ou dramática – manifesta um modo peculiar de ser histórico. Mas, para apreender realmente esta singularidade não basta enunciá-la na forma abstrata pela qual fizemos até agora e sim aproximarmo-nos do poema em sua realidade histórica e ver de maneira mais concreta qual é a sua função dentro de uma determinada sociedade (PAZ, 1976, p. 59).

Se o poema manifesta esta historicidade é porque todo poema e toda criação literária, mantém estreita relação com a sociedade de um determinado tempo. A literatura é um recorte perene de um momento efêmero.

Os exemplos são vastos e remontam desde o surgimento da literatura ocidental em berços gregos. Se quisermos extrair um exemplo, no caso do Brasil, basta pensar a formação de nossa literatura. É fundamental entender a nossa constituição histórica ao longo dos últimos 500 anos, isto mostrará a importância de compreendermos como o processo se deu e qual foi o resultado.

No caso específico do Brasil, os últimos 500 anos de nossa história deve ser observado devido ao agravante da colonização, fato que não pode ser deixado de lado e deve estar sempre no cerne de qualquer discussão que envolva a nossa formação cultural. Na literatura realizada no Brasil, o caso ainda é mais sério, uma vez que temos uma esparsa produção nacional até o século XIX.

> A colônia é, de início, o objeto de uma cultura, o "outro" em relação à metrópole: em nosso caso, foi a terra a ser ocupada, o pau-brasil a ser explorado, a cana-de-açucar a ser cultivada, o ouro a ser extraído; numa palavra, a matéria-prima a ser carreada para o mercado externo. A colônia só deixa de o ser quando passa a sujeito da sua história (BOSI, 1994, p. 11).

Esse olhar do "outro", europeu, pode ser observado na literatura de viagem produzida por estrangeiros que visitam o Brasil nos séculos XVI e XVII, e que olham a colônia com visão de mundo colonialista, vendo-a sempre como a terra a ser conquistada e o primitivo que precisa ser civilizado.

Na Europa, não faltam exemplos da relação entre os movimentos da sociedade e os reflexos sobre a conformação das expressões culturais em cada momento da história. Na França, por exemplo, a ascensão ao poder do rei Luís XIV solidificou por meio do mecenato real o teatro dos dois grandes dramaturgos franceses do período do neoclassicismo, Racine e Molière.

Há algumas questões que sempre devem ser esclarecidas quando está em jogo o pensar sobre a literatura. A idéia de literatura relacionar-se tão diretamente com a leitura escrita, uma ligação que hoje nos parece óbvia demais, é recente. Lembremos que a alfabetização em larga escala é um fenômeno do século XIX, Ives Reuter ressalta que entre as diversas transformações deste período está inclusive o da unidade linguística "que só será realmente realizada no século XX graças às mutações políticas (centralização e papel do Estado), econômicas, comerciais e ao peso da escola" (1996, p. 5).

Há menos de 200 anos iniciava-se o processo que iria levar a uma alfabetização em massa da população na Europa e, consequentemente, no resto do mundo.

Diversos aspectos contribuíram para este fenômeno, como o surgimento de uma classe burguesa, mas nada talvez tenha sido tão decisivo quanto a revolução industrial, que propiciou, entre outras coisas, a impressão de livros em larga escala e o consequente barateamento dos meios de leitura, como jornais. É, neste contexto, por exemplo, que surgem os romances em folhetim, que mais tarde serão os grandes responsáveis pela consolidação do moderno gênero literário que é o romance.

Claro que a citada revolução não tem apenas a face da modernização da imprensa, o fato de ela influir no processo de alfabetização está presente também no fato de levar crianças às linhas de produção das fábricas. O que provoca uma contrarreação em diversos países que vão instituir leis que obrigam crianças a frequentarem a escola. “Entre las medidas que se adoptaram destacan las que tendíam a organizar una enseñanza primaria gratuita, obligatoria y laica, mediante una serie de leyes promulgadas en los años 1880” (CAPEL, 1981, p. 114**).**

É desta forma que a literatura, até o século XIX, era predominantemente uma literatura que podia ser compartilhada oralmente, como é o caso da representação de uma peça teatral. Daí a hegemonia, até o século XIX, dos gêneros teatral e poético, gêneros que não prescindiam de conhecimento do código escrito para a sua apreciação.

Vale ainda ressaltar que a instituição da literatura enquanto matéria de ensino ocorre no referido século XIX:

> Como instituição e matéria de ensino, ela alcança o auge de seu prestígio no período que vai do início do século XIX até meados do nosso século. Seu prestígio decorria, então, de uma determinada concepção da cultura, que implicava a estima consensual pelas humanidades e a valorização da tradição escrita (PERRONE-MOISÉS, 2000, p. 345).

Feitas estas ressalvas históricas, o fato é que hoje é natural que relacionemos literatura com a leitura escrita dos textos e que esta relação se estenda a uma leitura do mundo que o texto literário oferece.

A leitura de uma sociedade oferecida pelo texto literário deve orientar-se por alguns passos que consideramos fundamentais. O primeiro deles é que a literatura é um tipo específico de uso da linguagem, onde as palavras estão empregadas dentro de um jogo linguístico próprio, e como observa Edward Said (2007, p.83):

> De tudo isso ficará claro que a leitura é o ato indispensável, o gesto inicial sem o qual qualquer filologia é simplesmente impossível. Poirier observa com simplicidade, mas elegância, que a literatura são palavras empregadas, tanto pela convenção quanto pela originalidade, em usos mais complexos e sutis do que os encontrados em qualquer outro lugar da sociedade.

E segue estabelecendo que “a literatura é o exemplo mais intenso que possuímos de palavras em ação” (SAID, 2007, p. 83). Isto inclusive se assemelha ao que Perrone-Moisés (2000, p. 351). descreve a respeito da obra literária:

> a obra literária é sempre compreendida como uma leitura crítica do real, mesmo que essa crítica não esteja expressa, já que a simples postulação de uma realidade coloca o leitor numa posição virtualmente crítica com relação àquilo que ele acredita ser o real. E, finalmente, a escrita e a leitura literárias são exercidas de liberdade: liberdade no uso da linguagem, esclerosada e estereotipada no uso do cotidiano, e liberdade do imaginário, oposto a uma suposta fatalidade da história.

Compreendidas estas citações, fica claro o fato de que a literatura é um determinado tipo de linguagem que se compõe por meio de palavras e tem suas especificidades. Compreender estas especificidades a fim de se tornar realmente leitor do universo literário é o desafio e a chave para uma leitura do mundo, utilizando a literatura como meio.

Outro passo importante é perseguir o entendimento de estreita e complexa relação entre literatura e leitura. Estreita por questões óbvias e complexas pelo fato de que decodificar um texto não significa compreendê-lo em suas amplas possibilidades.

A literatura requer a noção de senso crítico. E uma leitura da sociedade, da história, da geografia presente nos textos literários só será possível se desenvolvida esta habilidade de leitura crítica dos textos. É assim que a autora, anteriormente citada, comenta a importância desta leitura literária.

> A literatura, tal como a aprendemos desde o início da modernidade, não é ensinável. Mas a leitura literária não apenas pode ser ensinada como

> necessita de uma aprendizagem, e é por isso que os professores de literatura ainda existem. O conhecimento aprofundado das obras nas quais cada língua atingiu o máximo de suas potencialidades expressivas e sugestivas é o que garante o prosseguimento da atividade literária, quer do lado dos leitores, quer do lado dos futuros e eventuais escritores. Se os professores negligenciarem a tarefa de mostrar aos alunos os caminhos da literatura, estes serão desertados, e a cultura como um todo ficará ainda mais empobrecida (PERRONE-MOISÉS, 2000, p. 350).

Compreender e refletir literatura faz parte desta relação intrínseca que se estabelece entre o mundo lido pelo escritor e convertido em arte por intermédio das palavras, o próprio escritor e o leitor. No caso do escritor, é como se este captasse uma impressão do mundo, convertesse-a em linguagem e a devolvesse a este mundo que serviu de inspiração.

A relação entre mundo, escritor e leitor fica muito próxima ao que menciona Octavio Paz (1976, p. 122) quando aborda a relação/conciliação contraditória do poema e do meio: para o crítico mexicano, uma poesia sem sociedade, seria um poema sem autor, leitor ou palavras. Ao mesmo tempo em que uma sociedade sem poesia, seria também sem linguagem. Na perspectiva de Paz, a relação da sociedade com a literatura é mediada pela linguagem em uma relação de interdependência. A sociedade necessita da literatura para constituir sua linguagem e a literatura depende da sociedade para fazer-se ouvir. Ainda para o crítico “na realidade todo poema é coletivo” (PAZ, 1976, p. 117). E complementa, A prova da existência do poema é o leitor ou ouvinte, verdadeiro depositário da sua obra, que, ao lê-la, recria-a e outorgo-lhe sua significação final. Toda escritura convoca um leitor (1976, p. 117).

1.3 MODERNIDADE E RELEITURA DO MUNDO

Evidentemente, qualquer estudioso da literatura, por mais iniciante que seja, logo perceberá que a literatura influencia e é influenciada pela configuração social. Mas, talvez, em nenhum momento da história a relação entre literatura e sociedade tenha sido tão estreita quanto a partir no século XIX. É no final do século XVIII e início de século XIX que ocorrem a Revolução Francesa e a Revolução Industrial.

A primeira revolução citada modifica a estrutura social e serve de inspiração para muitas outras com seus ideais de igualdade universal dos homens. É esta transformação radical na sociedade, por isto é chamada revolução, que tira a França da iminente quebra de um estado já em ruínas para lançá-lo no modelo de sociedade burguesa. Nunca é demais ressaltar que estas transformações não promoveram igualdade a todos os homens.

> A revolução burguesa proclamou os direitos do homem, mas ao mesmo tempo pisoteou-os em nome da propriedade privada e do livre comércio; declarou sacrossanta a liberdade, mas submeteu-a às combinações do dinheiro; e afirmou a soberania dos povos e a igualdade dos homens, enquanto conquistava o planeta, reduzia à escravidão velhos impérios e estabelecia na Ásia, África e América os horrores do regime colonial (PAZ, 1976, p. 66).

As palavras de Paz deixam clara a profunda discrepância entre o que a modernidade proclamou como ideal e o que construiu na prática. Contradições estas que vão tornar-se grandes características da própria modernidade.

Entretanto, o modelo burguês de sociedade se estabelece, modificando assim a forma de ler e de produzir literatura. Surge, neste período, o gênero romanesco, uma forma de produzir e consumir literatura ligada à experiência individual, uma vez que, como define Otto Maria Carpeaux (1966), o gênero do romance é sempre uma experiência individual, diretamente ligado também à esta formação da sociedade burguesa.

O surgimento e consolidação do gênero romanesco no século XIX é uma amostra de como profundas transformações no espaço social podem ser decisivas para as expressões artísticas. A questão da individualidade, surgida no século XIX, deixa marcas na literatura, como é o caso da importância dada ao nome próprio nos romances, que, segundo Ian Watt (1996), faz com que o personagem seja visto como um indivíduo particular dentro do contexto social. A própria linguagem torna-se muito mais referencial e menos alegórica, o que leva inclusive o século XIX a gestar dois Estilos de Época, o realismo e o naturalismo, que pretendiam a real escrita, como definia Flaubert e a morte da imaginação, como pretendia Émile Zola.

Outro importante romancista francês do período, Honoré de Balzac, dizia ainda pretender fazer um espelho do cotidiano. O afã de trazer a realidade para a

ficção, tão presente nos três romancistas franceses citados, mostra como a modernidade surgida no século XIX, de acordo com Marshal Berman (2007), modificou, entre outras coisas, o espaço social. Parece-nos óbvio que este movimento, na tentativa de trazer a realidade para dentro do universo literário, resultou em obras literárias que hoje se tornaram clássicos.

Um exemplo é a obra prima de Gustave Flaubert, *Madame Bovary,* publicada pela primeira vez em 1857. Neste romance, Flaubert rompe com o romance romântico, solidificado no período pós-revolução francesa. O autor coloca em cheque a visão de mundo romântica ao por sua personagem central, Emma Bovary, com uma mente burguesa e ingenuamente idealista em choque com um mundo realista. A crise vivida pela heroína do romance de Flaubert pode ser lida como uma crise comum ao indivíduo moderno. É o romancista estabelecendo diálogo com a sociedade e a repercutindo dentro do universo ficcional.

Tais perspectivas inovadoras quebram alguns paradigmas e constroem, mesmo que muitas vezes provisoriamente, outros.

> Desde o romantismo a obra há de ser única e inimitável. A história da arte e da literatura se desdobra como uma série de movimentos antagônicos: romantismo, realismo, naturalismo, simbolismo. Tradição não é continuidade e sim ruptura e daí que não seja inexato chamar à tradição da ruptura. A Revolução Francesa continua sendo nosso modelo: a história é mudança violenta e essa mudança se chama progresso. Não sei se estas idéias seriam aplicadas à arte. Podemos pensar que é melhor conduzir um automóvel que montar a cavalo, mas não vejo como se poderia dizer que a escultura egípcia é inferior à de Henry Moore ou que Kafka é superior a Cervantes (PAZ, 1976, p. 134).

Paz discute sobre as transformações que ocorreram no século XIX e da mudança de paradigma. Institui-se o paradigma da ruptura. Enquanto até o século XVIII, a arte procurava imitar os antigos arquétipos, neste período da história, a tradição passou a ser a busca da novidade, a busca pela ruptura com o antigo para que o novo pudesse se estabelecer.

É também o período no qual encontramos poetas como Baudelaire, Rimbaud e Mallarmé na França, que estão no turbilhão da modernidade e que exercem enorme influência na literatura ocidental.

Os exemplos, obviamente, não se resumem aos poetas franceses. Eles servem neste trabalho apenas como ilustração do que profundas transformações nas estruturas sociais podem interferir no curso da história literária.

Poderíamos ainda passar a Portugal e enumerar importantes autores, que entre o final do século XIX e o início do século XX, figuram neste quadro de poetas que acrescentam algo novo à literatura de seu tempo.

Camilo Pessanha e Cesário Verde, portugueses que viveram entre o final do século XIX e o início do século XX, os quais colocam seu tempo em evidência. Cesário Verde em seu poema mais conhecido, *O Sentimento dum Ocidental,* faz o sujeito poético vagar pela Lisboa que se transforma em uma cidade velozmente moderna diante de seus olhos. Lembra o *Flâneur* de Baudelaire, tão bem elucidado por Walter Benjamim em *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo* (1994).

Em outros dois portugueses o fenômeno da modernidade se revelará na crise do sujeito em conflito consigo mesmo e com o mundo que o cerca. São os casos de Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro.

No Brasil, já no século XX, teremos o Movimento Modernista Brasileiro, questionador da ordem instituída e que de diversas formas se posiciona como um movimento de contestação aos antigos paradigmas da arte.

Com todos esses exemplos, chegamos à conclusão de que a literatura não é exatamente um espelho da sociedade, mas vai além dela. Além de possibilitar a reflexão de um tempo e um lugar, ela é representação da relação que se estabelece entre um sujeito ou um coletivo e o lugar.

1.4. GEOGRAFIA E LITERATURA: UM DIÁLOGO POSSÍVEL

Não há dúvidas, a literatura é uma arte em que o tempo ocupa papel predominante por diversos motivos. Um deles é porque ela relativiza até mesmo antes de Einstein o tempo, ou porque ela tem seu próprio tempo. Fato é que encontramos esta afirmação em um geógrafo, Marc Brosseau, e um crítico literário, Affonso Romano de Sant’Anna.

> Literatura é uma arte predominantemente temporal, embora haja poemas espaciais, embora o romance folhetim fosse publicado numa sucessividade espaço-temporal e algumas narrativas utilizem o pictórico. Literatura, mais que uma arte temporal, é a própria reinvenção do tempo (SANT'ANNA, 2003, p. 169).

A afirmação de Sant'Anna é compartilhada pelo geógrafo canadense Marc Brosseau, que nos serve como um dos principais suportes teóricos no presente trabalho. "O romance, como a música, contrariamente à pintura ou à escultura, seria de início uma arte do tempo. A descrição do espaço seria impróprio para a literatura que deveria se contentar em representar a ação" (1996, p. 79)[1].

Desta fala, podemos tirar algumas conclusões. Sant'Anna nos diz que existem poemas espaciais e, na nossa compreensão, é o caso dos poemas de Thiago de Mello aqui utilizados para análise. Brosseau considera imprescindível a contribuição da crítica literária à análise geográfica da literatura, já Sant'Anna tem demonstrado em diversos ensaios sua busca da compreensão do mundo, considerando as questões espaciais. Isto só reafirma que as áreas do conhecimento e seus interlocutores estão em constante diálogo.

As fronteiras entre as áreas do conhecimento, desde o final do século XX, têm se mostrado bastante flexíveis e enriquecedoras para quem se dispõe a transpô-las. A rigidez de limites entre as ciências, herança reducionista do pensamento positivista do século XIX, está em um momento de perder forças diante da necessidade de pensar o humano do século XXI em toda a sua complexidade e variabilidade, seja no tempo ou no espaço.

Ao propormo-nos a fazer essa reflexão, acompanhamos o pensamento de Quaini (1992, p. 15) que entende que a história da ciência não é necessariamente uma história evolutiva. Entender o contrário é mais uma vez cair no vício do prático pensamento positivista que há mais de um século vem permeando nossa história. Não podemos de forma alguma pensar que os últimos 150 anos de nossa história sejam uma constante e ininterrupta evolução. Ao não entendermos ciência dessa maneira, entramos no campo onde se concentra nosso trabalho: o de pensar os possíveis diálogos entre diferentes áreas do conhecimento.

---

[1] Tradução nossa.

Quaini (1992, p. 16) prossegue em suas reflexões afirmando que na esteira dessa irregularidade na construção da ciência, está até mesmo a construção da geografia humana, ciência que, ao longo dos últimos dois séculos, tem caminhado de forma não linear em seu processo de construção. Da mesma forma Capel (1981) apresenta a geografia como uma ciência que se constrói de maneira irregular durante o século XIX e não com uma constante regularidade na sua formação. Durante boa parte do século XIX, a relação do homem com o meio está muito ligada ainda ao determinismo. O que podemos perceber nas abordagens de Capel (1981) e Claval (1999) é que há uma mudança entre o final do século XIX e todo o século XX que nos parece fundamental ressaltar: da concepção de que o meio age sobre o homem para a concepção de que o homem age sobre o meio. Nesta perspectiva, as dimensões que envolvem a subjetividade humana começam a despertar interesse na abordagem da geografia humana.

> Aunque la geografía humana tuvo que tratar necesariamente desde su mismo nacimiento problemas de comportamiento humano, puede decirse que, en realidad, ello se hizo de forma no sistemática ni consciente, y que, además, como ha observado W. K. Davies, durante la mayor parte de la primera mitad de este siglo el interés por el comportamiento se limitó a la cuestión de hasta qué ponto las acciones del hombre estaban condicionadas por su medio. El tratamiento consciente del tema del comportamiento, que ha introducido en la ciencia geográfica una dimensión psicológica que hasta entonces estaba prácticamente ausente, puso de manifiesto la insuficiencia de los modelos teóricos elaborados por la geografía cuantitativa acerca de la localización espacial de las actividades humanas (CAPEL, 1981, p. 423).

Podemos perceber que a geografia se estabelece realmente como uma ciência no afã positivista que invade a intelectualidade desse período da história. Assim, se entendermos a ciência como uma criação do pensamento positivista, e pensarmos toda a luta empreendida por diversos geógrafos para que essa fosse reconhecida como ciência, nada mais evidente que ela tivesse naquele momento se revestido da ideologia positivista para atender, entre outras coisas, ao processo neocolonialista que se iniciava na Europa desse período. É assim que o determinismo geográfico vem a calhar perfeitamente como justificativa ao expansionismo europeu. Isto fortalece o próprio processo de institucionalização universitária da geografia, se tomarmos como exemplo a Alemanha e a Inglaterra.

Pautada nessa fronteira interdisciplinar mais flexível, nos últimos anos, as perspectivas culturais em geografia têm permitido possibilidades diversas nas abordagens geográficas dos mais variados temas. Entretanto, impõe na mesma proporção, desejo e cautela para trabalhar no campo onde duas áreas de conhecimento se tocam, se imbricam, se cruzam.

Pensar o mundo em sua totalidade não constitui tarefa fácil e nem é nossa pretensão nesta pesquisa. No entanto, não vamos utilizar aqui uma visão de mundo simplificadora da realidade humana, uma vez que este trabalho pretende fazer uma leitura da poética do lugar na obra de Thiago de Mello.

Carlos Augusto Monteiro atenta exatamente sobre o que transitar entre e a geografia e a literatura pode trazer à ciência: “não se trataria, de nenhum modo, de substituir a análise científica pela criação artística, mas apenas retirar desta (Literatura) novos aspectos de ‘interpretação’; reconhecê-la como um meio de enriquecimento” (2002, p.15).

Conforme dissemos no início deste capítulo, não é nova a proposta de um trabalho interdisciplinar, tampouco na geografia. A própria constituição da geografia acaba por ser um cruzamento entre diferentes disciplinas, sobretudo com a história. Kant observa, então, que a geografia se ocuparia do espaço e da história do tempo. Santos (1980, p.105) propõe a revisão dessa divisão kantiana, ao dizer que depois de Einstein não se pode mais pensar o mundo dividindo essas duas instâncias. Temos aqui um exemplo da impossibilidade de pensar o mundo sob apenas uma ótica, uma vez que a existência sobre a terra é permeada pelos mais diversos aspectos que compõem nossa trajetória.

Vivemos atualmente em um mundo globalizado, fruto de um processo histórico, nossas vidas são tangidas por fatores sociais, políticos, culturais, econômicos, vide a crise econômica mundial de 2008 e seus efeitos sobre todo o globo.

A própria produção do conhecimento dá exemplos dessas intersecções. História, sociologia, economia, filosofia da linguagem são apenas alguns exemplos de como os campos do conhecimento podem, devem e inevitavelmente se cruzam. E a geografia não pode e nem acreditamos que pretenda, ser uma área isolada das

outras. Santos avança ainda mais ao afirmar que “a própria geografia pode contribuir para a evolução conceitual de outras disciplinas” (1980, p.102).

Recorrer a essa perspectiva interdisciplinar na abordagem de uma dada realidade parece-nos ser a forma mais coerente de compreendê-la. A fragmentação de uma visão de mundo se mostrará insuficiente para entender o que é intrinsecamente complexo: o ser humano que age sobre a terra.

Nesse momento, vale refletir com o devido cuidado para, ao propor uma leitura interdisciplinar do espaço amazônico pela poética de Thiago de Mello, não cairmos em duas armadilhas. Uma delas, a qual é levantada pelo próprio Milton Santos (1980, p.104) quando considera a importância de não tomar a interdisciplinaridade pela multidisciplinaridade

> Quando se fala em multidisciplinaridade se está dizendo que o estudo de um fenômeno supõe uma colaboração multilateral de diversas disciplinas, mas isso não é por si só uma garantia de integração entre elas, o que somente seria atingível através da interdisciplinaridade, isto é, por meio de uma imbricação entre disciplinas diversas ao redor de um mesmo objetivo de estudo

Aqui fica evidente a importância de entender o domínio das duas disciplinas com as quais se pretende dialogar. Entender o que cada uma tem de específico é fundamental para que se estabeleça uma relação de troca mútua, nas quais as duas áreas possam se enriquecem.

A outra armadilha é cair na adisciplinaridade, ao invés da interdisciplinaridade. Entendemos que é preciso especificar o que é próprio da literatura e da mesma forma, o que é próprio da geografia. Essa compreensão passa necessariamente pelo entendimento de que as duas áreas possuem cada qual sua linguagem. Assim, torna-se imperativo um domínio de ambas, a linguagem geográfica e a linguagem literária. Do contrário, não será possível entender como as diferentes áreas aqui trabalhadas, literatura e geografia, se inter-relacionam. Apenas desta maneira será possível estabelecer o diálogo entre as duas disciplinas. E dessa forma que Marc Brosseau (2007) procura estabelecer o princípio de seus estudos, nos quais utiliza a literatura como fonte para a geografia.

Estes dois termos, multidisciplinaridade e adisciplinaridade, estão aqui ressalvados, uma vez que a intenção é deixar claro que o enfoque deste trabalho

está na contribuição que a literatura pode dar à geografia e vice-versa. Sermos multidisciplinares, como menciona Santos (1980, p. 114), não seria a garantia de uma relação de troca. Sermos adisciplinares seria incorrer no erro de, ao pretendermos falar das duas disciplinas, acabarmos por não falar de nenhuma. É assim que buscamos, por intermédio das possíveis relações entre geografia e literatura, chegar a uma compreensão do lugar amazônico.

Compreender as pessoas que aqui vivem, assim como as relação que estas pessoas mantêm com o seu lugar, nos dá, por meio da poesia de Thiago de Mello, uma maneira de compreender a sociedade que segundo Milton Santos (1980, p.115),

> deve ser, finalmente, a preocupação fundamental de todo e qualquer ramo do saber humano, é uma sociedade total. Cada ciência particular se ocupa de um dos seus aspectos. O fato de a sociedade ser global consagra o princípio da unidade da ciência. O fato de essa realidade total, que é a sociedade, não se apresentar a cada um de nós, em cada momento e em cada lugar, senão sob um ou alguns dos seus aspectos, justifica a existência de disciplinas particulares. Isso não desdiz o principio da unidade da ciência, apenas entroniza outro principio fundamental, que é o da divisão do trabalho científico.

Usamos o termo interdisciplinaridade para definir essa nossa perspectiva de trabalho com o viés da inter-relação entre as áreas de conhecimento. Vale lembrar que o que está em pauta é um enfoque que priorize o diálogo possível entre a geografia e a literatura. Edgar Morin (1997, p. 186) é enfático ao definir seu pensamento como transdisciplinar:

> Não me encaixo em nenhuma rubrica, em nenhum compartimento. Sofro o ódio renovado dos que rotulam as pessoas e as encaixam em disciplinas. É certo que minhas idéias se disseminam, mas vejo não vejo suas germinações. Só tomaria consciência disto muito mais tarde, e com espanto.

Assim, cabe-nos, como pesquisador de uma obra poética como a de Thiago de Mello, buscar no decorrer desta pesquisa, o que esta obra elabora sobre a espacialidade humana. Temos a compreensão que em sua poética, o espaço e o tempo são aspectos relevantes, não são apenas o pano de fundo e, assim, nossa escolha por tal poeta não é gratuita. A respeito disto, Corrêa e Rosendhal (2007, p.8) orientam que:

> ao geógrafo interessam aquelas nas quais o espaço e o tempo não sejam meros panos de fundo, necessários e insubstituíveis, mas parte integrante da trama, sem os quais esta não poderia ser construída, tornada inteligível e identificável

A poesia de Thiago de Mello é um exemplo latente de como o lugar torna-se poesia e de como a poesia torna-se lugar. Poderíamos muito bem falar da geografia da poesia ou da poesia da geografia do poeta amazonense. Seu lugar começa a tomar sua obra aos poucos até enlaçá-la por completo. A Amazônia começa a aparecer aos poucos na obra do poeta até o ponto de tomá-la de assalto. É como se o lugar exercesse uma atração e fosse, de fora para dentro, clamando seu lugar nos poemas do profícuo poeta que lançou seu primeiro livro de poemas em 1952.

Quando o lugar Amazônia surge nos poemas de Thiago de Mello, podemos perceber a representação da experiência vivida pelo poeta neste lugar. Aqui colocamos outra discussão, a relação lugar-poesia-identidade. Relação esta mediada pela linguagem, que “aparece como uma semantização que os sujeitos fazem de seu espaço vivido ou uma modalidade privilegiada de representação. Essa linguagem é referendada por signos que são construções sociais” (KOZEL, 2006, p.115).

Pensando uma geografia que considere também as questões subjetivas do ser humano, encontramos na poesia uma possibilidade de compreender e apreender a personalidade do lugar ao qual esta poesia se refere. A personalidade da Amazônia está nos versos do poeta Thiago de Mello, quando ele estreita os laços que mantém com o lugar onde vive por meio do seu texto. Um exemplo da identidade do lugar está no poema abaixo transcrito, em que temos um eu poético fundido ao lugar, falando de suas percepções, de seus sentimentos em relação ao lugar onde vive e, o que é mais interessante de tudo, falando da sua verde esperança, quando o adjetivo verde, transposto da imensa floresta, serve para classificar também a sua esperança.

> Filho da floresta, água e madeira
>
> Filho da floresta,
> água e madeira
> vão na luz dos meus olhos,

e explicam este jeito meu de amar as estrelas
e de carregar nos ombros a esperança.

Um lanho injusto, lama na madeira,
a água forte de infância chega e lava.

Me fiz gente no meio de madeira,
as achas encharcadas, lenha verde,
minha mãe reclamava da fumaça.

Na verdade abri os olhos vendo madeira,
o belo madeirame de itaúba
da casa do meu avô no Bom Socorro,
onde meu pai nasceu
e onde eu também nasci.

Fui o último a ver a casa erguida ainda,
íntegros os esteios se inclinavam,
morada de morcegos e cupins.

Até que desabada pelas águas de muitas cheias,
a casa se afogou
num silêncio de limo, folhas, telhas.

Mas a casa só morreu definitivamente
quando ruíram os esteios da memória
de meu pai,
neste verão dos seus noventa anos.

Durante mais de meio século,
sem voltar ao lugar onde nasceu,
a casa permaneceu erguida em sua lembrança,
as janelas abertas para as manhãs
do Paraná do Ramos,
a escada de pau-d'arco
que ele continuava a descer
para pisar o capim orvalhado
e caminhar correndo
pelo campo geral coberto de mungubeiras
até a beira florida do Lago Grande
onde as mãos adolescentes aprendiam
os segredos dos úberes das vacas.

Para onde ia, meu pai levava a casa
e levava a rede armada entre acariquaras,
onde, embalados pela surdina dos carapanãs,
ele e minha mãe se abraçavam,
cobertos por um céu insuportavelmente
estrelado.

Uma noite, nós dois sozinhos,
num silêncio hoje quase impossível
nos modernos frangalhos de Manaus,
meu pai me perguntou se eu me lembrava
de um barulho no mato que ele ouviu
de manhãzinha clara ele chegando
no Bom Socorro aceso na memória,
depois de muito remo e tantas águas.

Nada lhe respondi. Fiquei ouvindo
meu pai avançar entre as mangueiras
na direção daquele baque, aquele
baque seco de ferro, aquele canto
de ferro na madeira — era a tua mãe,
os cabelos no sol, era a Maria,
o machado brandindo e abrindo em achas
um pau mulato azul, duro de bronze,
batida pelo vento, ela sozinha
no meio da floresta.

Todas essas coisas ressurgiam
e de repente lhe sumiam na memória,
enquanto a casa ruína se fazia
no abandono voraz, capim-agulha,
e o antigo cacaual desenganado
dava seu fruto ao grito dos macacos
e aos papagaios pândegas de sol.

Enquanto minha avó Safira, solitária,
última habitante real da casa,
acordava de madrugada para esperar
uma canoa que não chegaria nunca mais.

Safira pedra das águas,
que me dava a bênção como
quem joga o anzol pra puxar
um jaraqui na poronga,
sempre vestida de escuro
a voz rouca disfarçando
uma ternura de estrelas
no amanhecer do Andirá.

Filho da floresta, água e madeira,
voltei para ajudar na construção
do morada futura. Raça de âmagos,
um dia chegarão as proas claras
para os verdes livrar da servidão.
(1987, p. 440)

Entendemos que não é qualquer obra literária passível de análise por um viés geográfico. A qualidade da escritura de Thiago de Mello é que possibilita empreendermos a análise aqui pretendida. Em relação a este tema, Marc Brosseau (CORREA & ROSENDHAL, 2007 p. 28) esclarece,

> de fato a valorização da literatura situa-se sobre um terreno limitado: o da qualidade da escritura dos escritores, seu poder de evocação das paisagens, dos lugares e dos homens, qualidade que utilizamos em nosso proveito desde que os aspectos parasitas da obra tenham sido expurgados.

Ficamos assim com a certeza de que a obra de Thiago de Mello atende a este pressuposto, como fica claro no poema acima. O poema tem um poder de evocação do lugar, uma vez que relaciona diversos elementos da natureza amazônica, como “madeirame de itaúba”, “águas de muitas cheias”, “campo geralmente coberto de mungubeiras”, “acariquaras”, “carapanãs”, “jaraqui na poronga”.

Além da natureza, o texto aborda sobre a da família do poeta, pai, mãe, avós, ou seja, evoca o humano e mais que isso, evoca a relação que este humano mantém com o lugar, o texto todo é um exemplo de como homens e mulheres estabelecem relação com o meio onde nasceram e viveram.

O cerne teórico da geografia humana, a relação humano e lugar, pode ser evidenciada na leitura do poema. Nada é gratuito. O lugar não está para o poeta como algo desprovido de significação. Ela procura, pela forma metafórica, como discute Cassirer (2003, p. 103), dar uma adequada expressão às crescentes necessidades do espírito em se relacionar com o lugar. Os elementos que compõem este poema estão impregnados de afetividade, uma afetividade típica dos moradores amazônicos.

A busca por encontrar na literatura um material que possa ser analisado sob o prisma da geografia poderia levar, em um primeiro momento, a preocupação com o real do texto, equívoco não raro cometido ao se trabalhar com literatura.

Aqui, entendemos que não é o real objetivo do texto que interessa, até mesmo porque é inverificável ao se trabalhar com textos literários. O que nos interessa é o efeito de real produzido nos textos literários. O efeito de realidade, ou seja, a verossimilhança, que é desde Aristóteles, uma dos elementos básicos para a boa compreensão do texto literário. ”Pelo que atrás fica dito, evidente, que não compete ao poeta narrar exatamente o que aconteceu; mas sim o que poderia ter acontecido, o possível, segundo a verossimilhança ou a necessidade” (2003, p. 43).

O poema de Thiago de Mello revela uma visão poética, uma visão sensível do lugar. Rogério Haesbaert (2006, p. 145).chama a atenção para a necessidade de pensar sem tentar dicotomizar a emoção e a razão, quando buscamos a compreensão da realidade humana, que não é nem objetiva e nem subjetiva apenas.

> A verdade é que a modernidade “realmente existente” (outros preferem o termo “modernização”) fomentada e construída pelo capitalismo, foi/é um pouco como o socialismo: um projeto abortado – e abortado sobretudo porque foi/é ocidental/etnocêntrica (a tecnologia e a razão instrumental superando todos os constrangimentos da natureza) e porque sobrevalorizou a razão e a re-produção em detrimento da sensibilidade e da criatividade humana.

Haesbaert prossegue estabelecendo o paralelo entre a criatividade humana e a arte, duas coisas intrinsecamente ligadas. A fuga da visão puramente racionalista passa pela questão da arte, que está ligada à afetividade e à criatividade humana. A arte é sempre criadora. Sobre o valor de uma obra de arte literária Octávio Paz (1976, p.132) afirma que:

> Para nós o valor de uma obra reside em sua novidade: invenção de formas ou combinação das antigas de uma maneira insólita, descoberta de mundos desconhecidos ou exploração de zonas ignoradas nos conhecidos. Revelações, surpresas: Dostoiévski penetra no subsolo do espírito, Whitman nomeia realidades desdenhadas pela poesia tradicional, Mallarmé submete a provas mais rigorosas que as de Góngora e inventa o poema crítico, Joyce faz do idioma uma epopéia e de um acidente linguístico um herói (Tim Finnegan é a queda e a ressurreição do inglês e de todas as linguagens), Roussel converte a charada em poema.

De qualquer forma, encerramos uma compreensão de arte que envolve duas aspectos elementares, a novidade e a afetividade indutora do processo criativo. Processo que, em primeira instância, está ligado à vivência de cada artista e a sua relação com o espaço vivido. Evidentemente, é imprescindível pensar na questão estética, uma vez que a criatividade, fruto da vivência, precisa de uma forma, ou seja, de uma elaboração estética.

A proposta de trabalhar de maneira interdisciplinar com literatura e geografia, estabelecendo um diálogo entre as duas, justifica-se no mundo atual “moldado pelo utilitarismo e pela ética mercantil” (HAESBAERT, 2006, p.147). Em um mundo no qual se valoriza apenas o que serve à lógica do mercado, justificar a poesia como forma de compreensão da realidade não se constitui tarefa simples.

A obra de Thiago de Mello como um todo constitui-se em um grande manifesto contra o uso mercantil e utilitário da Amazônia. A obra do poeta, ainda hoje morador de Barreirinha, no interior do estado do Amazonas, é, antes de

qualquer coisa, a forma que este caboclo nascido às margens do Rio Andirá encontra para lutar contra a iminente aniquilação da floresta.

Nessa perspectiva, a poesia se constitui em algo a ser observado no que traz de não-capitalista em si. A visão do mundo capitalista, configurada no dia-a-dia de todos nós, e facilmente encontrada nos grandes jornais impressos, nas grandes redes de televisão, ou seja, na mídia comprometida com os ideais mercantilistas e utilitaristas do mundo atual.

A Amazônia hoje é vista e vendida como terra a ser explorada, como lugar que necessita de desenvolvimento econômico nos moldes da lógica nefasta do capital. Desenvolvimento econômico que nada mais é que um mito apregoado pela ideologia de uma classe dominante, como bem demonstra Celso Furtado em seu livro *O mito do desenvolvimento econômico (1974)* publicado há algumas décadas atrás, mas que ainda hoje oferece uma forma de compreender nosso país. Tão atual é este entendimento sobre a lógica capitalista, que Marcio Souza (2009, p. 24), em outras palavras também compartilha do mesmo pensamento:

> Um cidadão dos Estados Unidos, ou de algum país europeu, consome 32 vezes mais combustível e descarta 32 vezes mais lixo que a maioria das pessoas que vivem nos países pobres. Mas essa gente de baixo impacto quer se tornar gente de alto impacto, quer ver seus padrões de vida subir aos padrões dos países industrializados, daí a crescente e desesperada imigração do hemisfério sul ao hemisfério norte, das caminhadas desesperadas pelos desertos na fronteira do México com os Estados Unidos, ou as trágicas travessias do Mediterrâneo rumo às praias da Espanha e da Itália.

O autor segue ainda comentando sobre como o aumento do consumo no mundo levará a um iminente esgotamento dos recursos naturais do planeta. Entretanto, a poesia não é uma mercadoria, não é uma riqueza passível de ser acumulada pela exploração da mais-valia. É, sim, uma visão impregnada de afetividade, que muitas vezes age sobre a realidade objetiva do mundo. Não é à toa que tantos poetas tenham sido inspiradores de revoluções, não apenas estéticas como as de um Mallarmé, mas revoluções sociais, como José Martí, em Cuba, ou ainda, a possibilidade/necessidade das duas coisas, como o poeta russo Maiakóvski, que afirmava não haver arte revolucionária sem forma revolucionária. A

poesia pode ser transgressora, revolucionária, como discorre Haesbaert (2006,p.147),

> A poesia tem um caráter duplamente "revolucionário": primeiro porque vai contra o mundo-mercadoria que cada vez mais domina a face do planeta, e seu caráter lúdico torna-se transgressor: ela não pertence à lógica e ao mundo da compra-e-venda. A poesia é gratuita, 'não tem finalidade', sua utilidade é sua in-utilidade: mostrar ao mundo da produção e do consumo sua contra-face, oculta, sufocada – o mundo da imaginação e da sensibilidade, "incontrolável" mundo dos sentimentos do qual a razão nunca vai tomar posse. Como disseram grandes poetas e escritores que sofreram nas prisões, a única coisa que nunca pode ser aprisionada é a imaginação.

A liberdade da imaginação traduzida na forma poética constitui a expressão dos sentimentos em relação ao lugar, lugar que se constitui em matéria-prima na confecção da poesia de Thiago de Mello.

Pautados pelas reflexões as quais somos levados ao analisar o poema de Thiago de Mello, percebemos que a possibilidade de se estabelecer uma leitura geográfica das expressões artísticas são realizáveis. E se torna viável devido ao caráter interdisciplinar da geografia que permite que o diálogo com a literatura seja estabelecido.

II. LINGUAGEM E GEOGRAFICIDADE

“No poema, o ser e o desejo de ser pactuam por um instante,
como o fruto e os lábios .”
(Octávio Paz)

2.1 LINGUAGEM E GEOGRAFIA

A arte literária pode ser vista, em alguns aspectos, como uma apropriação estética construtora de uma identidade coletiva, o que segundo Haesbaert é também uma “identidade territorial” (2006, p. 169-172). A arte é, evidentemente, um território simbólico que pode fortalecer a formação de identidade.

A poesia é, em si, o diálogo entre o eu do poeta e o nós da sociedade, como define Octávio Paz (1976, p. 107). A construção do texto é um contato entre o eu do poeta que, ao perceber o mundo, o elabora esteticamente e o realiza enquanto poema.

Aqui, vale deixar claro que por poema entendemos o texto esteticamente concebido e materialmente realizado, enquanto que a poesia, embora comporte diversas acepções, está ligada ao sentimento, à parte afetiva e abstrata do ato de escrever.

Uma vez percebido, o mundo vivido coletivamente entre as mais complexas teias de relações humanas e realizado, no poema, de forma individual pelo poeta, este poema tem como sentido básico da sua concepção, tornar-se público. Ao se tornar público, o poema volta ao nós da coletividade. Essa relação mundo-poeta-poema-mundo é determinante ao se pensar a relação que a poesia pode ter no estudo de um lugar.

A vivência geradora do universo poético é também acúmulo de experiências. Vale lembrar que segundo Tuan “experiência é um termo que abrange as diferentes maneiras através das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade” (1983, p. 9).

Trabalhar com a poesia sob um viés geográfico torna-se salutar ao se pensar o ser humano dos dias de hoje e as relações que ele mantém com o lugar onde vive, é ainda dar voz a uma perspectiva diferente daquelas regidas pelas lógicas de mercado.

Claval (1999, p. 137) salienta que o indivíduo social constrói-se pela interiorização dos códigos de comunicação social, assim, a linguagem está no centro desta consideração por ser o veículo de interiorização da cultura. Vemos em obras literárias, como a de Thiago de Mello, um caminho que vai muito além de uma

análise literária ou das representações simbólicas, não que estas questões não sejam relevantes. Mas, além delas, entendemos que observar a cultura amazônica pelo viés da literatura constitui uma forma de compreender nosso tempo e nosso espaço.

Parece-nos pertinente refletir sobre a questão da identidade, entendida aqui na perspectiva de Paes Loureiro quando afirma que no mundo atual vive-se uma "identidade caleidoscópica de identificações" (2007, p.132). O que possibilita compreender o que somos, e assim entrar no campo da identidade e das identificações. Isto é de suma importância uma vez que estamos em um momento de eminente e drástica transformação na Amazônia de uma forma geral. A literatura, por sua vez, possibilita que essas identificações se cristalizem.

> A identidade narrativa é aquela que se constrói a partir da mediação entre as experiências de nós próprios (a nossa 'ipseidade') e os espelhos ou lentes da ficção literária que permite redimensionar a nossa existência, seja em nível dos nossos valores, de nossas vivências do tempo, ou de nossa linguagem (LOUREIRO, 2007, p. 126).

Claro está também que a identidade é culturalmente construída e mediada pela linguagem. Considerar apenas o discurso oficial sobre a Amazônia, como o lugar a ser mais uma vez explorado sem discutir a tradição cultural da região, sua mitologia – ou sua encantaria para usar o termo empreendido por Paes Loureiro -, seu imaginário poético, é simplificar temas como a preservação da natureza ou políticas de desenvolvimento.

Desconsideramos, dessa forma, que haja um humano intrínseco à natureza (ribeirinhos, indígenas, caboclos), tida apenas como mero objeto não representativo de uma cultura. Não é de hoje que a poesia, e mesmo a literatura de uma forma geral, constitui forma de resistência da mitologia e do imaginário de um povo, uma vez que, por exemplo, a obra fundadora da mitologia grega são os poemas épicos *Ilíada* e *Odisséia* atribuídos a Homero.

> Poesia é palavra original e fundadora, não apenas de todos os povos, como também das culturas e religiões. Devoradora do agora em sua fome de eternidade, ela confere ao poeta, segundo antiga tradição greco-latina ou de tribos amazônicas, a dupla dimensão da memória viva dos povos e de vidente. Fruto de uma contemplação ativa ou de um agir contemplativo, a

> poesia tem represado essa memória emocionada das civilizações, entre as sílabas de sempre (LOUREIRO, 2007, p.12).

A atemporalidade da poesia, tão bem trabalhada no poema *Poética,* de Vinicius de Moraes, permite que ela seja fundamental na consolidação identitária de um povo. Tê-la em mente como auxílio na compreensão do espaço é um recurso milenar de todas as culturas.

No poema de Paes Loureiro, *As chuvas de janeiro,* do livro *Água da fonte*, podemos perceber como o espaço é decisivo na formação das imagens representadas no texto:

> "As chuvas de janeiro
> inundam de canções
> minhas palavras.
> O açaí escorre,
> leite negro,
> dos fartos peitos da amassadeira
> debruçada em alguidares na cozinha."
> (LOUREIRO, 2008, p. 199)

A indicação do tempo típico da região, o janeiro chuvoso, leva o poeta a cantar, da mesma forma que o poema ainda sugere o preparo do açaí. Estes dois aspectos, tão próprios da região amazônica, o açaí e o janeiro chuvoso, quando representados e eternizados no poema, representam a memória do lugar.

Parece-nos que não há como lançar um olhar que pretenda analisar o poema sem buscar uma compreensão do espaço amazônico enquanto representação de um discurso profundamente integralizador entre homem e natureza. De certa forma, incluímos um terceiro aspecto do discurso poético além do eu do poeta e o nós da coletividade: o espaço representado que permite harmonizar e tornar simultâneas essas inconciliáveis presenças.

É assim que acontece com as representações mitológicas que se apresentam no texto poético de poetas como Thiago de Mello ou Paes Loureiro. No poema *Hinos Dionisíacos ao Boto*, de Loureiro, podemos entender de que forma o mito, fruto de uma construção linguística dos povos amazônicos, constitui-se no discurso poético. Este longo poema fala do mito do boto e sugere como este mito se eterniza na linguagem poética, o boto é um "passageiro desta barca de linguagem" (LOUREIRO, 2007, p.17).

Não iremos de forma alguma ignorar, como define Paes Loureiro (2007, p. 13), que a poesia é um “agir contemplativo”, desta forma, carregada de emotividade. Para tal, a compreensão da cultura no entendimento das representações do espaço na poesia amazônica torna-se fundamental. Neste sentido é que pretendemos reconhecer na literatura uma representação da cultura e do lugar amazônico e refletir sobre de que forma essa representação é percebida e construída no discurso poético de Thiago de Mello. Ainda pretendemos entender de que forma o homem e a natureza dialogam intermediados pelas representações simbólicas presentes na poesia, uma vez que este diálogo constrói uma identidade cultural amazônica, ao ponto das representações artísticas contribuírem e solidificarem uma identidade no contexto geral da população amazônica.

Para Paul Claval (1999, p.37) a cultura é em grande medida constituída de palavras que traduzem o real. Não é a natureza da poesia, recortar a realidade e ressignificá-la? A vivência humana e a cultura amazônica são representadas na obra do poeta Thiago de Melo. Claval (1999, p. 138) considera que os signos, ao representarem o real (espaço, sentimento) tornam-se a referência desse real representado. Com o passar do tempo adquirem conotação e consequente carga emotiva. A poesia só existe no campo da emoção. Se pensarmos nas representações poéticas da Amazônia, podemos encontrar o “real” amazônico carregado de emotividade.

O autor considera a língua como um código que nos transmite a cultura, ao mesmo tempo releva que não estamos condenados a reprodução indefinida de enunciados já estabelecidos, de atitudes recebidas. É possível, a partir daí, refletir sobre a posição que o sujeito assume diante de uma representação cultural ou de um determinado discurso.

O humano amazônico, segundo definição de Paes Loureiro (2007, p. 130), acaba por exercer uma integração com a natureza e isso provoca uma identificação funcional com ela. Decorrente disto, ele constrói uma relação lúdica operativa. Ainda para Paes Loureiro, a imaginação tem papel fundamental na matriz cultural do caboclo amazônico, pois ela permite compreender e apreender a realidade imensa que o cerca além de ser o meio de entrada na profundidade das coisas.

Desta forma, sugere que a identidade amazônica é uma diversidade diversa, onde a integração com a natureza é libertadora de um imaginário com dominância poética. É nesse sentido que a poesia opera como meio de apreensão, compreensão e recriação da realidade, e a recriação está na constante ressignificação presente na natureza da própria poesia, uma vez que entendemos poesia como signos em rotação, utilizando a definição de Octávio Paz (1976, p. 121) ao dizer que, ”O poema é um conjunto de signos que buscam um significado, um ideograma que gira sobre si mesmo e em redor de um sol que ainda está nascendo. [...] Em sua rotação o poema emite luzes que brilham e se apagam sucessivamente”.

É relevante refletir sobre aspectos que constituem a identidade cultural. Para tanto, as manifestações culturais, entre elas a literatura, apresentam-se como um campo fecundo para uma compreensão dessa questão e consequentes reflexões sobre a identidade e identificação.

Claval (1999, p. 101) afirma que é possível desfrutar de uma obra de arte sem ser o autor, é o exercício de fruição, inerente à produção artística, e afirma ainda que para uma obra de arte ser apreciada não basta o instinto, é preciso ter um gosto educado para isto. Pensar a cultura nessa perspectiva é de grande valia.

Segundo este autor, a “identidade é ao mesmo tempo individual e coletiva” (1999, p.98). A poesia assim torna-se uma representação artística que representa muito bem essa face da identidade cultural. Para Loureiro (2008 p.13), a poesia intermedia o poeta e a coletividade, sendo possível estender essa reflexão ao entendimento de Octávio Paz (1976 p. 109-117) que observa ser a linguagem poética um monólogo e um diálogo ao mesmo tempo. Para melhor definir esse fenômeno, Paz cita a outridade, uma palavra que busca definir a dicotomia presente no fenômeno poético, de ser uma fusão do eu e do nós em um só discurso.

Para a poesia de Thiago de Mello, parece-nos imprescindível observá-la sobre esse prisma, uma vez que a voz poética de um poeta extremamente integrado ao meio no qual está inserido é permeada pela voz individual do poeta sujeito habitante do mundo amazônico, ao mesmo tempo em que representa em seus textos as construções coletivas – mitológicas ou da natureza.

A relação que o sujeito amazônico mantém com o mundo que o cerca justifica-se pela afirmação de Claval (1999, p. 55) de que o homem mantém uma relação cultural com o meio no qual está inserido. O autor, ao elencar os elementos que contribuíram para uma reafirmação da geografia cultural a partir da década de 70, apresenta os filósofos da linguagem Derrida, Barthes e Foucault como importantes contribuintes para considerações relacionadas à linguagem.

Entender a percepção do espaço passa, obrigatoriamente, pela compreensão dos discursos das comunidades ou de outras formas de expressão, como a arte. Na poesia, o sentido de estudar os aspectos culturais passa por aquilo que é a razão de ser da linguagem literária: a relação significação/significado. Esta relação, que tem no linguista Ferdinand de Saussure, o precursor desta compreensão do funcionamento da linguagem humana, é também pensada na geografia,

> Para a teoria do conhecimento, a palavra é um elemento que não existe sozinho. Ela está nas e identifica as coisas, como significante contém significados, e é decodifica por todos segundo sua própria condição e situação em momentos de interlocução, oral ou graficamente (SPOSITO, 2003, p. 78).

A relação linguística entre significante e significado é o que dá concretude ao ato de comunicar: o significante (a palavra, o símbolo) serve de suporte simbólico ao significado, e é sobre o significado que se estendem análises como esta.

A relação entre significante e significado, na perspectiva da geografia, é esclarecida por Sahr **(**SAHR ***in:*** KOZEL, SILVA & GIL FILHO, 2006, p. 58),

> Na semiótica, esta dualidade se apresenta como diferença entre o sentido do objeto – no nosso caso a vivência espacial das pessoas e suas relações espaciais – e o “significante”, que é a interpretação acadêmica deste .

Levamos em conta, obviamente, que o significado varia de acordo com o contexto em que é lido. Dessa forma, o Rio Amazonas, por exemplo, não significa a mesma coisa para quem o estuda como sendo o maior rio do mundo em uma grande metrópole e para quem vivencia o rio todos os dias em uma comunidade ribeirinha no meio da floresta. E o que diferencia isso, antes de tudo, é a relação

afetiva que se estabelece com este significante, implicando diretamente na construção do significado.

Poderíamos pensar e entender a comunicação também pela relação conotação/denotação, partes indissociáveis do signo linguístico, matéria prima da poesia, uma vez que a conotação varia de acordo com o universo cultural. A literatura é produto de dimensão social e ideologicamente construída, assim sendo, a conotação das palavras varia de acordo com a cultura, fato que justifica e é justificado também pelas variações linguísticas.

Não se pode pensar em literatura fora do contexto cultural, uma vez que a arte literária é um diálogo, tácito ou não, entre lugar, autor e texto, uma relação que não é passiva em momento algum. As próprias tendências da crítica literária contemporânea têm conferido cada vez mais importância à recepção do texto. Esta tendência é conhecida como Estética da Recepção. Pensamos assim, que a recepção do texto também implica uma atitude estética, uma construção de significados que está profundamente ligada a sua visão de mundo construída pela cultura.

2.2 GEOGRAFIA NA LITERATURA

Propomos uma análise da obra de Thiago de Mello naquilo que ela tem de geográfica, ou seja, aquilo que dela se pode ler enquanto objeto de compreensão de uma determinada categoria espacial. Em Thiago de Mello, a categoria em questão é o lugar. O livro de poemas *Mormaço na floresta* de Thiago de Mello constitui-se em uma poética do lugar.

Yi-Fu Tuan pondera que “o lugar pode ser definido de diversas maneiras” (1983, p. 179). No entanto, cabe-nos aqui buscar um entendimento que nos permita estabelecer a relação entre o lugar amazônico e a poesia de Thiago de Mello.

O geógrafo americano nos traz definições bastante esclarecedoras para tal intento. Para Tuan (1983, p.4) “Os lugares são centros aos quais atribuímos valor e onde são satisfeitas as necessidades biológicas de comida, água, descanso e procriação”. Tuan também ressalta como a cultura diferencia os seres humanos e

como influencia seus comportamentos. Acreditamos que a atribuição de valor que os seres humanos dispensam a determinados centros, e que caracterizam os lugares, se expressa de diversas maneiras. A literatura é uma das formas de expressão.

É importante ressaltar que o autor atribui grande importância ao que as pessoas sentem sobre seu lugar, como é possível perceber nas citações acima. Para ele, na medida em que dotamos de valor o espaço indiferenciado, ele torna-se lugar (TUAN, 1983, p. 6).

Tuan (1983, p. 62) discorre sobre a possibilidade da literatura ter a capacidade de evocação da natureza e de como, na medida em que o conhecimento geográfico amplia-se, o fazer poético ao retratar os lugares modifica-se também. De certa forma, as representações literárias acompanham as noções de percepção e apropriação do espaço.

O termo “topofilia”, cunhado por Tuan, vai aparecer no discurso de outros geógrafos para nominar a relação de amor que se estabelece entre os sujeitos e os lugares.

> Claramente os lugares afetam as pessoas, e as pessoas os criam e os mudam. Assim, os geógrafos têm um interesse duradouro e profundo por eles – chamam a isso de ‘topofilia’, ou seja, amor por lugares. Também somos atraídos pela ‘heterotopia’, isto é, somos curiosos quanto às diferenças entre os lugares. (CARNEY ***in:*** CORRÊA & ROSENDAHL, 2007, p. 124)

E como já foi dito neste trabalho, pensar espaço e também referir-se ao tempo. Assim, torna imprescindível compreender que o tempo na literatura é outro, não é o mesmo tempo de homens e mulheres do mundo real. O tempo na literatura, como afirma Sant’Anna (2003, p.162), é uma reinvenção, ou melhor, o escritor reinventa o tempo.

> E sendo o escritor um reinventor do tempo ele cria um tempo arquetípico, um espaço-tempo em que o leitor pode entrar como se entrasse numa máquina mágica e pudesse ele mesmo ampliar suas dimensões internas. Nesse sentido, pode-se dizer que o imaginário humano sempre esteve na quarta dimensão – além da largura, altura e profundidade.

Assim, não sendo o tempo igual para todos os homens (a percepção do tempo por moradores tradicionais do interior da floresta amazônica não é a mesma

de trabalhadores na cidade de São Paulo que pegam 3 a 4 conduções para ir e voltar da fábrica onde cumprem sua jornada laboral), o tempo também não é o mesmo nas diferentes dimensões que envolvem o real e o ficcional. Imaginamos, como aborda Sant'Anna (2003, p.163), que o conceito de tempo também não é o mesmo para todos os escritores e escritoras nem é o mesmo para as diferentes literaturas.

O que também já foi discutido em capítulo anterior da presente pesquisa é a predominância temporal que há na literatura. Entendimentos estes compartilhados por Marc Brosseau (1996) e Affonso Romano de Sant'Anna (2003). De qualquer forma, queremos aqui dar ênfase à poética do lugar na obra de Thiago de Mello. Para tal, é preciso entender o que cada poema tem de particular, de singular, o que o torna único enquanto obra de arte, e para isto, é fundamental ao geógrafo, ao trabalhar com literatura, entender como o poema descreve e escreve o espaço.

A história da literatura é repleta de exemplos de como o olhar poético ou o foco narrativo são impregnados por relação espaciais, poderíamos trabalhar as diversas categorias da geografia em obras dos mais variados escritores da literatura universal. O livro de Carlos Augusto Monteiro, *O Mapa e a Trama* (2002), mostra como isso é possível. Nele encontramos análise de contos de Guimarães Rosa, de romances de Aluísio de Azevedo, de Graciliano Ramos, de Machado de Assis, de Lima Barreto e de Graça Aranha. Monteiro demonstra assim como pode ser enriquecedor para a ciência geográfica analisar o conteúdo geográfico em obras literárias.

Evidentemente que o conteúdo geográfico há muito tempo está presente na literatura. É com Petrarca, poeta italiano a quem é creditado por muitos historiadores a criação do soneto clássico, que a paisagem da natureza aparece na representação literária como contemplação, admiração e metáfora da beleza do amor.

Os exemplos são vastos. Poderíamos pensar em como a cidade – o espaço urbano – na obra de Baudelaire constitui um dos temas preponderantes de sua obra *Les Fleurs Du Mal*, algo semelhante acontece com Cesário Verde e a forma como este poeta se relaciona com a cidade de Lisboa. Teríamos ainda muitos exemplos da relação de glória e condenação que muitos poetas mantêm com o lugar onde estão inseridos, e os lugares que constituem as referências predominantes no seu

universo poético. Baudelaire está em Paris sem querer que Paris esteja nele. Em sua poesia a cidade é o lugar que suscita sua angústia, e acaba por se constituir no grande elemento de conflito entre o sujeito e o meio no qual vive.

No Brasil, por exemplo, não há como ler a poesia de Mario de Andrade sem contextualizarmos no espaço urbano da cidade de São Paulo do início do século XX. Da mesma forma, Mario de Andrade constrói uma cidade que se constitui antagonicamente seu lugar de identidade e condenação. Poemas como *Ode ao Burguês* e *Paulicéia Desvairada* são textos nos quais se torna possível observar o conflito que se opera entre sujeito e lugar. Mas vemos nesses poetas, ciente de estar omitindo não intencionalmente muitos outros, que o conflito está na não adaptação do sujeito ao meio. Sem um espaço de fuga, como fizeram os poetas árcades brasileiros, que no início da formação das cidades no Brasil colônia, ao sentirem acuados ou deslocados pelo mundo pré-moderno que começava a constituir-se, vão encontrar no bucolismo seu refúgio.

Para empreender uma análise de um texto literário, ainda que se pretenda observar aspectos geográficos, consideramos indispensável utilizarmos os recursos que a Teoria Literária nos oferece. Esse pensamento de que a Teoria Literária está em uma relação de complementaridade é compartilhado por Marc Brosseau (1996, p. 78) em seu trabalho sobre literatura e geografia,

> Os trabalhos críticos me forneceram inestimáveis pontos de vista para orientar de maneira mais esclarecedora o diálogo que eu procuro promover. Eu sou da opinião, que de diversas formas, as abordagens da crítica podem entrar com a geografia em uma relação de complementariedade antes que de incompatibilidade como sugere Levy.

Está posto a importância da teoria pela visão do autor, que ainda ressalta ‘‘jê me contenterai donc de signaler les domaines critiques où la question de l’espace a été abordée de façon priviligiée’’ (1996, p. 79)..

É dessa forma que optamos pela teoria de Sant”Anna, por entender que dentro da crítica brasileira, ele tem conferido especial atenção a diversos ensaios sobre as questões espaciais e Octávio Paz, que pensa literatura privilegiando-a dentro do seu contexto histórico e social.

É preciso salientar também que nossa compreensão da Teoria Literária como suporte neste trabalho não é gratuita. É ela que nos oferece os melhores critérios para uma boa compreensão e um manejo coerente do texto literário. O crítico não deve ser o olhar que devassa o texto, pois como ressalta José Luiz Fiorin (2007, p. 49), “análise não é investigação policial”. Não nos cabe, então, olhar sobre o texto e impor-lhe qualquer análise que nos convenha, desta forma, estaríamos violentando o texto, impondo-lhe teorias que nem sempre são adequadas. Este é o caso de utilizar a Teoria Literária como camisa de força.

Cabe-nos aqui uma breve reflexão sobre o sentido da Teoria Literária, disciplina que é quase sempre alvo de desconfiança por qualquer estudante iniciante nos estudos literários. Quem, nesse caso, nunca se questionou o porquê de estudar a teoria quando o que realmente importa é o texto em si, ou o que é mais fascinante, a obra de Dostoievski ou estudos feitos por Mikhail Bakhtin sobre sua poética? Não há dúvida que essa resposta não é simples, embora aparente ser. Sabemos que ao refletir sobre a obra de Dostoievski, Bakhtin desenvolveu uma série de ideias que impulsionam as reflexões sobre a linguagem do século XX aos dias de hoje. Da mesma forma, que o autor de *Crime e Castigo* inspirou gerações de escritores e leitores.

Há casos interessantes, como no ensaio de Henry Miller, *A hora dos Assassinos* (1983), sobre o poeta francês Arthur Rimbaud. Um grande escritor refletindo criticamente sobre outro grande escritor. Nesse caso, temos o que poderíamos entender como um gênero híbrido, uma crítica poética. Há passagens que demonstram como o veio criador de Miller extrapola o veio crítico do escritor.

> Como os poetas se assemelham a esquadrinhadores do céu! Não parecem estar, como eles, em comunicação com outros mundos? Não nos falam de coisas do porvir e de coisas já muito passadas, sepultas na memória racial do homem? Que melhor significado lhes podemos dar para sua passagem fugidia pela terra que o de emissário de outro mundo? (MILLER, 1983, p. 43)

As metáforas aqui empregadas para definir o poeta como “esquadrinhadores do céu” e “emissário de outro mundo”, além da própria constituição discursiva, demonstram a linguagem crítica fundindo-se à linguagem poética.

No Brasil há ensaios que se tornaram clássicos na literatura brasileira como se fossem romances, contos ou poemas. Por exemplo, existem dois momentos da compreensão da obra de Clarice Lispector: um antes de Affonso Romano de Sant'Anna falar da epifania da escrita em sua obra e outro depois (2003, p. 77). Assim como o livro de Affonso Romano de Sant'Anna sobre Carlos Drummond de Andrade é decisivo para seu entendimento. Como pensar hoje em uma leitura atenta da obra de Drummond sem se debruçar sobre *Drummond: o poeta gauche no tempo* (1992). Também temos o inverso desta crítica poética. Poderíamos olhar alguns poemas que estabelecem juízo crítico sobre determinados textos:

O Azar de Mallarmé

Penso de novo em Mallarmé; errou.
Errava mesmo o rapaz. Ao contrário de Gandhi
que tecia o próprio linho, mesquinho,
era um *dandy.*
E lendo a vida ao contrário
de moda em moda
virou moda literária.
(SANT'ANNA, 2004, p. 86)

Neste poema, temos, de certa forma, uma poesia crítica, ou o que a linguística chamaria de metalinguagem ou de metapoema. Independente de ser a linguagem fazendo uma auto-referência, um poema falando de um poeta, é um poema que estabelece um juízo crítico a respeito de outro poema, inclusive questionando o cânone oficial que coloca alguns poetas em um pedestal, além de fazer uma crítica ao endeusamento que os poetas do concretismo brasileiro fizeram de Mallarmé.

Isto nos leva a pensar sobre as possibilidades diversas de se analisar literatura. E principalmente compreender que não há regras rígidas nas possibilidades interpretativas do texto, desde que a análise encontre no texto e no seu contexto a justificativa das interpretações.

Queremos assim, com essa pequena reflexão sobre a Teoria da Literatura, chamar a atenção para dois aspectos. O primeiro é sobre a qualidade que a crítica pode e deve perseguir, porque ela precisa contribuir significativamente sobre a literatura como um todo. Construindo,assim, paradigmas ou os derrubando, porém mantendo sempre em evidência o pensar sobre a literatura, fazendo com que esta

forma de arte não esteja à mercê de interpretações meramente passivas, mas sim construindo significações.

O ler sem preocupações teóricas profundas é bom e fundamental, mas não é tudo. A leitura pode e deve levar a reflexões mais elaboradas, ou ainda, sendo intencionalmente mais radical, valerá mesmo ler um poema de Maiakovski sem buscar uma indagação sobre seu contexto histórico, sua estética, a visão de mundo presente na poesia, suas possibilidades de interpretações? A Teoria Literária pode levar a isto tudo.

Ainda há o segundo aspecto que queremos enfatizar. Para que a crítica literária possa realmente atingir esses níveis de reflexão citados acima, temos que considerar um aspecto fundamental. O texto, razão de ser da Teoria Literária, é que deve sugerir qual teoria deve ser a ele aplicado. Isto é simples? Obviamente, não é. Para isto, é preciso que haja, no crítico, um conhecimento da obra do autor a ser analisado, um conhecimento das teorias à disposição e, sobretudo, uma sensibilidade apurada para estabelecer a relação teoria e texto.

É balizado nessa compreensão do que consiste a análise literária é que vemos a possibilidade de fazer uma leitura geográfica da obra de Thiago de Mello, entendendo inclusive, que esta é uma possibilidade teórica. Assim como a literatura serve de fonte para reflexões geográficas, para a compreensão de um determinado lugar, a geografia pode ser uma forma de Teoria sobre o texto quando se propõe a isto.

Em um mundo onde cada vez mais se fala em multiculturalismo, em intercâmbios culturais, em interdisciplinaridade, apropriar-se de novas formas de compreensão da literatura é fundamental. Sobretudo no século XX, surgiram diversas teorias acerca da literatura. Temos o exemplo das mais radicais, como o *new criticism* e seu *close reading.* Esta corrente considerava apenas o texto em si, desconsiderando qualquer relação com o contexto extratextual.

Poderíamos enumerar ainda diversas outras correntes, como a estruturalista, a fenomenológica, a sociológica, a marxista ou a existencialista, até as correntes surgidas a partir da chamada virada linguística da década de 70. Sem entrar no mérito de quais correntes alcançaram maior repercussão ou respeito nos

meios acadêmicos. Fato indiscutível é que se abriu um leque incontável de possibilidades de abordagem do texto.

Da mesma forma, a literatura tem servido de referência a diversas áreas do conhecimento, como a história, a filosofia ou a sociologia. Podemos citar como exemplo o célebre trabalho *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo* (1994) no qual Walter Benjamin escreve sobre o poeta francês, trabalho este que o ajuda a construir uma reflexão sobre a formação urbana de Paris do século XIX, sobre o surgimento da sociedade capitalista, sobre a modernidade. Parece-nos mais óbvio que áreas como as citadas recorram às construções literárias como fonte de escritores que pretendiam ser filósofos ou historiadores. É o caso de Honoré de Balzac, romancista francês do início do século XIX, que pretendia em seus romances – mais de 90, reunidos e intitulados *A Comédia Humana* – fazer a história dos costumes, o que segundo ele, havia sido negligenciando pelos historiadores até então. Outro exemplo é o naturalismo francês proposto por Émile Zola, quando pretendia levar sua experiência romanesca ao nível documental.

Entretanto, já não parece tão evidente propor uma análise geográfica da literatura. É fato que no imaginário popular a geografia de imediato se relaciona com seu caráter físico: solo, clima, hidrografia, etc. Contudo, não é novidade a utilização da literatura também na geografia.

Brosseau (2007, p. 17) destaca que a idéia de trabalhar a literatura como fonte para geografia não é nova, aliás, tem mais de 100 anos. Claro que isto não resultou ainda em uma produção em larga escala dentro da geografia, mas é certo que ela ronda os meios geográficos há algum tempo. Vemos nisto a possibilidade de construir o conhecimento geográfico utilizando a literatura, da mesma forma que vemos a possibilidade uma nova perspectiva de crítica e de público para a literatura.

A geografia pode permitir olhar o texto sob um viés mais subjetivo, observando as relações entre poesia e lugar, e assim poesia fica no primeiro plano, pois é ela a mediação entre o geógrafo e a leitura que se pode fazer do lugar.

O que vale enfatizar aqui é que a literatura se relaciona com as áreas que envolvem o conhecimento humano. Influencia e é influenciada no processo de construção do conhecimento humano. Desta maneira, não vale a pena fechá-la e imaginar que só se pode realizar uma análise literária sob o crivo de Teorias

Literárias reducionistas. Entender Teoria Literária como uma teoria construída acerca do texto e, sobretudo, entender que essas teorias estão em constante aperfeiçoamento, é aceitar que a geografia pode contribuir para a construção de teorias sobre a literatura, bem como a história, a filosofia ou tantas outras áreas.

III O ESPAÇO DA CULTURA AMAZÔNICA

Maiakovsky tinha plena consciência de sua natureza: "Comigo, a anatomia se vê louca: sou todo coração". Thiago de Mello, igualmente lírico e dedicado ao seu povo, defini-se como um rio que flui, não um rio qualquer, mas o seu rio, o seu Amazonas – natural e simbólico -, que nasce nas geleiras eternas do Andes, atravessa um continente e vai lançar no Atlântico a carga ciclópica de areia e húmus, de grandeza e miséria humana que recolheu ao longo de cem mil barrancos.

(Ênio Silveira)

3.1. A INVENÇÃO DE UM ESPAÇO

Uma vez entendido que o espaço é construído socialmente, não há como ignorar os aspectos culturais e sua relevância na compreensão de uma determinada realidade.

A cultura, esse termo complexo e de difícil conceituação sobre o qual iremos nos debruçar adiante, é fundamental na perspectiva de contextualização do nosso objeto de análise. Conhecer os costumes, os hábitos, os modos de vida enfim, da população amazônica que constituem os poemas de Thiago de Mello que aqui serão analisados torna-se fundamental.

A Amazônia, essa região que desperta tanto interesse do mercado, dos ecologistas, do imaginário das pessoas em geral, tem sua cultura solidificada, sobretudo na relação que seus habitantes mantêm com a natureza.

É comum nos depararmos com afirmações de historiadores, de viajantes, pessoas que de repente se voltam para a Amazônia, de que a Amazônia está sendo descoberta. Esse espólio, típico de uma mentalidade colonialista, está presente desde os primeiros textos escritos sobre a região. Obviamente, isto não é privilégio da região amazônica. Os livros escolares trouxeram, e muitos ainda trazem, a expressão “descobrimento do Brasil” ou “descobrimento da América”. São afirmações que remetem a uma ideia de um lugar que só passa a existir após a chegada do europeu, ou seja, se cria um espaço onde antes nada existia.

Esse processo ocorre após a chegada do colonizador. Um espaço passa a ser inventado no decorrer do tempo.

> A Amazônia foi inventada nesse tempo, porque antes era a terra do verão constante, a terra que se ia jovem e voltava velho, a terra do sem-fim, o mundo primevo da selva tropical e suas sociedades tribais densamente povoando a várzea e espalhando-se pela terra firme (SOUZA, 2009, p. 65).

Ou como salienta a professora Neide Gondim (apud SOUZA, 2009, p. 65), “a Amazônia não foi descoberta, sequer foi construída; na realidade, a invenção da Amazônia se dá a partir da construção da Índia, fabricada pela historiografia greco-romana, pelo relato dos peregrinos, missionários, viajantes e comerciantes”.

O próprio hino do estado de Rondônia, por exemplo, traz em sua letra esta perspectiva. Os versos do hino que se referem aos “bandeirantes de Rondônia” ou “somos destemidos pioneiros” também refletem a idéia de que a parte da Amazônia, onde hoje é o estado de Rondônia, é inventada a partir da chegada dos “bandeirantes” e “pioneiros”. Deste modo, estes “bandeirantes” e “pioneiros” chegam, segundo a letra do hino que também é uma ideia largamente difundida e compartilhada com/como o senso comum, onde antes nada havia, e aí bravamente, inventam o lugar. Essa imagem do bravo homem que chega bondosamente para livrar das trevas seus colonizados é típica dessa relação de dominação. Não se faz nenhuma menção ao indígena ou aqueles que aqui já viviam há muito tempo.

> Muitos ainda imaginam o colonizador como um homem de grande estatura, bronzeado pelo sol, calçado com meias-botas, apoiado em uma pá – pois não deixa de pôr mãos à obra, fixando seu olhar ao longe, no horizonte de suas terras; nos intervalos de sua luta contra a natureza, dedica-se aos homens, cuida dos doentes e difunde a cultura, um nobre aventureiro, enfim, um pioneiro (MEMMI, 1977, p. 21).

Não é preciso aqui descrever os milhares de habitantes que já habitavam esta terra antes da chegada do colonizador europeu, alguns estudos datam a chegada dos primeiros grupos nômades às Américas através do estreito de Behring há aproximadamente 24.000 anos. E alguns desses contingentes acabam chegando ao vale do Rio Amazonas há 15.000 anos (SOUZA, 2009, p. 27). O poema de Thiago de Mello *Amazonas, a pátria da água* registra que a chegada do homem à Amazônia é recente, “só há dez mil anos, já sabem os cientistas, chegaram os índios à Amazônia e dela fizeram sua morada” (MELLO, 1987, p. 428).

De uma forma ou de outra, o que é fato inconteste é que o “novo mundo” designado pelo europeu não é novo. Nova é a colonização, a região amazônica nunca foi o propagado vazio demográfico, quando então, apenas há 400 anos os colonizadores chegaram a este lugar, já havia aqui uma série de “sociedades hierarquizadas, de alta densidade demográfica” (SOUZA, 2009, p. 38). Por qual motivo então se fala em descoberta do um “novo mundo”? Porque uma das principais armas do colonizador é a negação da história e da cultura do colonizado. “O que havia sido construído em pouco menos de dez mil anos foi aniquilado em

menos de cem anos, soterrado em mais de 250 anos e negado em quase meio milênio de terror e morte" (SOUZA, 2009, p. 38)

Isso tudo nos impele à necessidade de rever verdades estabelecidas. Enquanto tradicionalmente se ensina que a América é descoberta em 1492 como um grande acontecimento, Souza (2009, p. 13) fala que "para o europeu é o ano surpreendente da descoberta de um mundo novo. Já para os povos americanos, é o começo de um holocausto"

Vimos aqui nessa pequena reflexão como se constrói o discurso sobre o outro. Como uma cultura é capaz de sobrepujar a outra implacavelmente. Edward Said (2008, p.29) coloca essas indagações em evidência ao pensar sobre como o oriente é uma invenção discursiva do ocidente:

> minha argumentação é que, sem examinar o orientalismo como um discurso, não se pode compreender a disciplina extremamente sistemática por meio da qual a cultura européia é capaz de manejar – e até produzir – o oriente política, sociológica, militar, ideológica, científica e imaginativamente durante todo o pós-iluminismo.

Recorremos a alguns teóricos pós-colonialistas por entender que a teoria pós-colonial cruza com a perspectiva geográfica na compreensão e na análise da obra de Thiago de Mello. "Desde as primeiras reivindicações o colonialismo simula compreensão, reconhecendo com ostensiva humildade que o território sofre de um subdesenvolvimento grave, o qual requer um importante esforço econômico e social" (FANON, 1968, P. 173).

As palavras de Fanon deixam claro que o colonizador, após dominar a terra colonizada com violência e opressão, estabelece em longo prazo o domínio ideológico. O colonizador impõe que os territórios colonizados, por conta da sua incapacidade de desenvolvimento, devem se sujeitar a superioridade natural do outro. Isto, inclusive, lembra o geodeterminismo que surgiu na Europa ao final do século XIX, que entendia que muitas das novas colônias eram incapazes de se desenvolver devido a questões étnicas, climáticas, etc. Este pensamento serviu para justificar as corridas neocolonialistas, sobretudo em direção à África e à Ásia (CAPEL, 1981, p. 126). Os europeus, na busca por novas colônias, apropriaram-se da idéia de racismo para justificar o seu direito de apropriação. O racismo, conforme

discussão empreendida por Memmi (1977, p. 9), irá converter em natureza o que é apenas cultural. Desta forma, buscará destruir tudo que represente elementos que levem o colonizado a encontrar identificações e, consequentemente, a uma identidade sua e não do colonizador.

Na geografia esta questão também é discutida:

> Uma das principais questões ligadas à identidade, contudo, é a dificuldade em reconhecer o 'simplesmente Outro', tendendo-se sempre, por meio de um processo classificatório, a padronizar, criar um parâmetro único de comparação, hierarquizando ou 'desigualizando' aquilo que devia ser visto apenas como diferente. A diferença identitária cultural, portanto, tende a diluir-se na desigualdade, e o extremo desta transformação é dado pelo racismo – nele a diferença do Outro se transforma na sua estigmatização, no seu "rebaixamento", na sua depreciação (HAESBAERT, 1999, p. 176).

A corrida colonizatória que teve seu primeiro tempo em torno de 1500, época em torno da qual chegam os espanhóis e portugueses à América, também traz em si a imposição da cultura e da visão de mundo do outro.

> Quando refletimos nos esforços empregados pra provocar a alienação cultural tão característica da época colonial, compreendemos que nada foi feito ao acaso e que o resultado global pretendido pelo domínio colonial era convencer os indígenas de que o colonialismo devia arrancá-los das trevas. O resultado, conscientemente procurado pelo colonialismo, era meter na cabeça dos indígenas que a partida do colono significaria para eles o retorno à barbárie, ao aviltamento, à animalização (FANON, 1968, p. 175).

Assim sendo, vemos a Amazônia sendo inventada e descoberta inúmeras vezes sempre por um "outro" que não suas populações tradicionais. E é essa capacidade que pode ser apreciada na obra de Thiago de Mello. Ele não inventa uma Amazônia, ele vive uma Amazônia. E é essa vivência antes da invenção que se transmite por meio da linguagem poética, uma vez que entendemos a poesia como "fruto de uma contemplação ativa ou de um agir contemplativo, a poesia tem representado essa memória emocionada das civilizações, entre as sílabas do sempre" (LOUREIRO, 2008, p. 13).

O principal fator que nos leva a fazer a afirmação de que a Amazônia é antes de tudo o objeto de constantes descobertas é este espaço inventado que sugerimos no título do capítulo, é o fato de que a aproximação do outro em relação à região

amazônica se dá primeiro no plano cultural. Nas já discutidas noções ou definições de cultura, percebemos que todas dão conta de relacionar cultura com o coletivo.

E é isso que ocorre nos contatos entre o Europeu, por exemplo, e os humanos da Amazônia nos séculos XVI e XVII. O que se confrontam são duas culturas, apenas para depois eventualmente, se confrontarem os indivíduos. Edward Said (2008, p. 39), ao discutir a invenção do oriente pelo ocidente, ou seja, a construção de uma idéia de cultura generalizante e imperialista do oriental, ressalta que mesmo nos estudos sobre o oriente, o pesquisador "se aproxima do oriente primeiro como um europeu ou um americano, em segundo lugar como um indivíduo". E como o próprio Said afirma, isso não é irrelevante, uma vez que consciente ou não, esse pesquisador pertence a uma potência econômica, a uma cultura dominante.

3.2 CULTURA AMAZÔNICA

Entendemos que pensar em Cultura não é tarefa das mais fáceis. Seja pela difícil conceituação do termo, seja pela complexidade que o envolve. Podemos encontrar diversas definições para a cultura:

> Podemos adiantar que uma cultura constitui um corpo complexo de normas, símbolos, mitos e imagens que penetram o indivíduo em sua intimidade, estruturam os instintos, orientam as emoções. Esta penetração se efetua segundo trocas mentais de projeção e identificação polarizadas nos símbolos, mitos e imagens da cultura como nas personalidades míticas ou reais que encarnam os valores (os ancestrais, os heróis, os deuses). Uma cultura fornece pontos de apoio imaginários à vida prática, pontos de apoio práticos à vida imaginária; ela alimenta o ser semi-real, semi-imaginário, que cada um secreta no interior de si (sua alma), o ser semi-real, semi-imaginário que cada um secreta no exterior de si no qual se envolve (sua personalidade) (MORIN, 1967, p. 17).

Ou ainda:

> O conceito de cultura remete a valores comuns entre indivíduos de determinado grupo social, sendo por estes desenvolvidos e regulados. [...] É preciso apontar pelo menos dois significados distintos que poderão clarear o sentido que aqui se quer dar a essa palavra. Nas ciências sociais, como a antropologia, *cultura* normalmente se refere à produção material de uma sociedade. Já para a literatura, como para a história, *cultura* é o

> sistema de significação e de produção de significados (CYNTRÃO, 2004, p. 31).

Também encontramos em Loureiro (2001, p. 63), pesquisador da cultura amazônica, outra definição bastante esclarecedora embora mais sucinta:

> Cultura, aqui entendida, como configuração intelectual, artística e moral de um povo ou, mais amplamente, de uma civilização, e que pode ser compreendida no processo de desenvolvimento histórico ou num período delimitado de sua história.

Para Paul Claval (1999, p. 86) “a cultura é em grande medida feita de palavras que traduzem o real.” Claval (1999, p. 54) considera a língua como um código que nos transmite a cultura, ao mesmo tempo releva que não estamos condenados a reprodução indefinida de enunciados já estabelecidos, de atitudes recebidas. Percebemos que na perspectiva de Paul Claval, a cultura media-se pela linguagem.

Essa forma de entender a cultura não é exclusiva do geógrafo francês, mas partilhada por muitos outros estudiosos. O dicionário Aurélio ainda relaciona o termo com outras acepções, como o desenvolvimento intelectual ou o desenvolvimento social de uma nação ou de um lugar, fruto de esforço coletivo. Percebemos, assim, que a definição de cultura passa necessariamente por dois aspectos a serem compreendidos. O primeiro é que a significação do termo vai depender da sua aplicação, do seu contexto, isto é, depende do contexto linguístico em que for utilizado. A segunda, é que nas mais variadas aplicações do termo, as definições sempre giram em torno da coletividade, o que nos leva a concluir que o primeiro passo para compreender cultura é procurar entender a sociedade como um todo.

Ernst Cassirer, filósofo que desenvolveu a filosofia das formas simbólicas, relaciona a cultura com a questão simbólica, uma vez que ele considera que os símbolos são a mediação da relação que o ser humano mantém com tudo que o envolve, uma vez que estes símbolos estruturam a relação que se mantém com o mundo.

> É inegável que o pensamento simbólico e o comportamento simbólico tenham traços mais característicos da vida humana e que todo processo da

> cultura humana está baseada nessas condições (CASSIRER, 1994, P. 141).

Ao pensarmos o universo simbólico em um sentido de recriação, podemos refletir sobre a cultura no que tange às questões das artes, e especificamente no nosso trabalho, à questão da literatura produzida na Amazônia. Isto nos remete a uma afirmação de Marcio Souza de que a literatura que se faz na Amazônia sugere a necessidade de reconhecer que a natureza é a cultura, e que qualquer tipo de agressão, seja uma árvore derrubada ou um rio poluído, é uma agressão à identidade cultural dos povos amazônicos. Isto justifica o fato de pensarmos como, na obra de Thiago de Mello, o lugar expressa essa identidade cultural ao representar o lugar amazônico, passa pela necessidade de entender cultura como recriação.

A Amazônia sempre esteve envolta por um elemento que, sem dúvida, influenciou grandemente a formação de sua cultura: o “isolamento”. Este “isolamento” tem suas raízes no período colonial, quando era visível a falta de articulação entre o norte e o sul do Brasil. Esta ausência de articulação era causada, em grande parte, pela dificuldade de acesso entre as regiões.

A economia da região, salvo algumas áreas de criação de gado, fundamentava-se no extrativismo florestal, cuja produção era destinada à exportação para a Europa. Em fins do século XIX, com a invenção do processo de vulcanização da borracha, esta atividade se intensificou atraindo para a região um grande número de nordestinos, dos quais uma boa parte permaneceu na região integrando-se a ela e participando da formação de sua cultura.

Outro elemento que influenciou a formação da cultura amazônica foi a predominância do índio e do caboclo, este descendente de índios e brancos, sobre o negro e o branco. E são estes “indivíduos isolados” e totalmente integrados à natureza que, buscando compreender o mundo que os cerca, dão asas ao seu imaginário, povoando a Amazônia de mitos e de encantarias. Usamos aqui encantarias na perspectiva definida por Paes Loureiro (2007, p.8) que se refere à encantaria para se referir ao conjunto de mitos da Amazônia.

> As encantarias amazônicas são uma zona transcendente que existe no fundo dos rios, correspondente ao Olimpo grego, habitada pelas divindades encantadas que compõe a teogonia amazônica. É dessa dimensão de uma realidade mágica, que emergem para a superfície dos rios e do devaneio,

> os botos, as iaras, a boiúna, a mãe do rio, as entidades do fundo das águas e do tempo. Penso que representam o maravilhoso do rio equivalente à poetização da história promovida pelo maravilhoso épico. Esses prodígios poetizam os rios, os relatos míticos, o imaginário, a paisagem – que é a natureza convertida em cultura e sentimento.

Procuramos, desta forma, pensar no imaginário amazônico, seguindo uma definição utilizada por Loureiro (2008, p.13) como ato de contemplação ativa, em que o caboclo busca desvendar os mistérios da floresta. Imerso em um estado de devaneio, ele cria uma ponte unindo o mundo real ao mundo imaginário. Deste devanear, entendido aqui como o ato de sonhar acordado, surgem os seres encantados, botos-cor-de-rosa, iaras, boiúnas, anhangas e tantos outros, que habitam as águas doces da Amazônia. Estes formam uma espécie de Olimpo, fornecendo, assim, características peculiares à sociedade amazônica, que a diferenciam da sociedade nacional, não se enquadrando aos cânones urbanos. Por isso mesmo, muitas vezes concebida como inferior, primitiva, porém, detentora de uma cultura única, dinâmica, original, criativa e complexa.

É a visão de fora, construída por um olhar colonizador, que vale a pena ressaltar na busca da compreensão da Amazônia e de sua cultura. Claro está que certos estereótipos criados justificam a destruição e os interesses econômicos do grande capital. Assim, é de suma importância desmistificar essa visão construída externamente sobre o homem amazônico. A respeito desse aspecto, Paes Loureiro (2001, p. 39) argumenta que os caboclos amazônicos

> desenvolvem atividades que não estão diretamente voltadas para o mercado, mas que garantem parte considerável da auto-subsistência: roça, pesca, extrativismo vegetal, etc. O resto do tempo é ocupado com atividades que em geral estão pouco articuladas com o mercado: limpeza de algum igarapé, preparação de festas de santos, etc., garantindo parte de auto-suficiência, em termos modestos. Daí alguns estereótipos que comumente lhes atribuem: preguiça, inadaptação para o trabalho, falta de aspiração pessoal.

Ao analisar todo o contexto histórico da formação da cultura e da identidade amazônica, Loureiro (2001, p. 39) estabelece o seguinte entendimento:

> Entende-se aqui, por uma cultura amazônica aquela que tem sua origem ou está influenciada, em primeira instância, pela cultura do caboclo. É evidente que esta é também o produto de uma acumulação cultural que

> absorveu e se amalgamou com a cultura dos nordestinos que, em épocas diversas, mais especialmente no período da borracha, migraram para a Amazônia.

Na Amazônia são visíveis dois grandes espaços culturais: a cultura urbana e a cultura rural. Aquela se manifesta nas cidades, onde o contato com outras culturas é mais propício ocorrendo, portanto, mudanças mais constantes. Já a cultura rural, não sofre influências consideráveis de outras culturas, sendo assim, mais estática. Conserva os valores tradicionais e estes são transmitidos de forma oralizada, refletindo o imaginário estético do ribeirinho e a relação deste com a natureza. A originalidade da cultura rural da Amazônia deve-se a predominância do índio e do caboclo, e é exatamente a cultura rural a que representa mais fortemente a cultura amazônica. É importante aqui ressaltar que esses dois espaços culturais se relacionam em forma de intercâmbio.

Outro aspecto da cultura amazônica que contribui para a sua formação é o estético. O imaginário estetizante do homem da Amazônia tem sua origem no “maravilhamento” diante da imensidão da floresta e dos rios, que torna evidente sua pequenez em relação à natureza. Da relação entre o homem e a natureza, o imaginário estético fecunda iluminando a cultura da região.

Na cultura amazônica a dominante é o imaginário poético estetizante. Poético, não se referindo à produção escrita de poemas ou à atribuição de poesia a estes, mas ao conjunto de relações culturais, provindas do devaneio. Poético exteriorizado em criações nos vários campos de arte e que estabelece, entre os homens, uma relação ética; estético por impregnar, através da sensibilidade do homem amazônico, a realidade de beleza. Uma sensibilidade estetizante que é ativada e se desenvolve através dos sentidos, o caboclo amazônico observa as cores, os sons, as formas, o movimento das águas, enfim os pormenores do universo amazônico, de tal forma que encontra respostas para compreender a sua realidade.

O sentido de estabelecer uma compreensão do lugar na obra poética de Thiago de Mello estabelece um diálogo interdisciplinar entre o lugar real representado e seu referente literário, simbolicamente construído na poesia. Esse cruzamento da realidade concreta com a poesia, ou seja, com uma versão subjetiva do mesmo lugar nos concede a possibilidade de entender esse lugar com olhos mais

humanos. A literatura, que já serviu diversas vezes com fonte para a geografia, também na formação de muitos sociólogos e filósofos. Edgar Morin (1997, p.22) fala da importância de uma formação intelectual multidisciplinar. Recebe uma influencia interessante da literatura:

> Meu gosto pela literatura não terminou, ainda que meu conhecimento dos romances seja cada vez mais cheio de lacunas; meu sentimento do valor e da importância literatura até cresceu dentro de mim, após o reconhecimento do limite das ciências humanas, notadamente da psicologia e da sociologia. Sinto cada vez mais que somente um grande romance consegue exprimir as múltiplas dimensões da experiência humana, as vidas subjetivas interiores, os comportamentos numa sociedade, num mundo enquanto expõe, seja pela boca dos personagens, seja sob a pena do autor, ou até mesmo implicitamente, os problemas da existência humana.

Vale lembrar que Morin morou na casa de Marguerite Duras, uma das mais bem sucedidas escritoras francesas do século XX, com quem teve um convívio durante anos. Da mesma forma, conviveu com outros importantes escritores franceses, como Albert Camus.

Observada esse viés da formação de Morin, e da mesma forma, a crescente busca pela integração do conhecimento como uma forma de melhor compreender o mundo, a perspectiva de reunir em um trabalho, a literatura e a geografia se justifica por essa tendência.

Não há duvida que para isso seja preciso pensar na nova geografia cultural. Essa geografia que começa a se constituir a partir da década de 70, e que tem entre seus precursores o francês Paul Claval. A constituição da geografia cultural é um exemplo de como a multidisciplinaridade pode ser enriquecedora e o quanto ela tem a acrescentar no estudo das ciências sociais. Ela representa uma ruptura com conceitos que julgam serem capazes de conceber a produção do saber de forma isolada. A fragmentação do saber, que pode até ter a sua utilidade em determinadas áreas técnicas, não pode ser aplicada nas ciências sociais ou no que tange a produção cultural ou a busca de sua compreensão.

É assim que procuramos neste trabalho contribuir para o entendimento das questões amazônicas no que tange ao aspecto cultural. Entender os aspectos subjetivos é uma forma de empreender uma análise mais humanizada de uma

determinada realidade, para dessa forma, perseguir um grau maior de humanização de nosso tempo.

IV. A POÉTICA DO LUGAR EM THIAGO DE MELLO

CANTIGA DO CABOCLO

O canto de despedida
vai disfarçado de flor.
É feito para os caboclos
do barranco sofredor.
Pra eles que não vão ler nunca
estas palavras de amor.
Amor dá tudo o que tem:
dou esta rosa verdadeira,
levando a clara certeza
da vida nova que vem.
Canto para os curumins
nascidos iguais a mim,
vida escura e tanto verde!
Canoa, vento e capim.
Canto para o ribeirinho
que um dia vai ser o dono
do verde daquele chão.
Tempo de amor vai chegar,
tua vida vai mudar.
Vai preparando a farinha,
marupi no matrinchão,
nunca vi verde tão verde
como o do teu coração.

(Thiago de Mello)

4.1 O LUGAR DO POETA E O POETA DO LUGAR

Todas as reflexões até aqui empreendidas têm como objetivo nos dar suporte para entender como a natureza, a floresta amazônica aparece representada na obra de Thiago de Mello. Ela não é o lugar dos conflitos do mundo moderno que foi a Baudelaire e outros. Ela é o lugar onde o poeta, cidadão do mundo, conhecido internacionalmente (e muitas vezes mal reconhecido no Brasil) encontra a paz. Voltar a Barreirinha, para Thiago é voltar para casa. O amigo do Nobel Neruda renuncia como homem e como poeta ao meio urbano das grandes cidades, talvez desta forma, renuncie até mesmo um melhor destaque comercial em sua obra, o que evidentemente, não lhe faz falta enquanto artista.

Temos no Brasil uma tradição literária. Em artigo enviado ao “Encontro Nacional de Geógrafos”, realizado em Porto Alegre em julho de 2010, comentamos a ausência da voz feminina na literatura brasileira até o século XIX. Claro que isto não é privilégio de nosso país, é um reflexo mundo marcadamente sexista que apenas no século XX passa a ser contestado. Nisto reside um fato, temos coisas na tradição da literatura brasileira que marcam e outras que demarcam. É o caso de nomes como de Cabral, Drummond ou Vinicius serem recorrentes, enquanto que a omissão de outros serem comuns. O próprio Thiago de Mello ironiza em seu verso esta questão:

Canto do meu canto

Escrevi no chão do outrora
e agora me reconheço:
pelas minhas cercanias
passeio, mal me freqüento.
Mas pelo pouco que sei
de mim, de tudo que fiz,
posso me ter por contente,
cheguei a servir à vida,
me valendo das palavras.
Mas dito seja, de uma vez por todas,
que nada faço por literatura,
que nada tenho a ver com a história,
mesmo concisa, das letras brasileiras.
Meu compromisso é com a vida do homem,
a quem trato de servir
com a arte do poema. Sei que a poesia
é um dom, nasceu comigo.
Assim trabalho o meu verso,

com buril, plaina, sintaxe.
Não basta ser bom de ofício.
Sem amor não se faz arte.

Trabalho que nem um mouro,
estou sempre começando.
Tudo dou, de ombros e braços,
e muito de coração,
na sombra da antemanhã,
empurrando o batelão
para o destino das águas.
(O barco vai no banzeiro,
meu destino no porão.)

Nada criei de novo.
Nada acrescentei às forma
tradicionais do verso.
Quem sou eu para criar coisas novas,
pôr no meu verso, Deus me livre, uma
invenção.

O poeta que não inventa formalismos, vanguardas ou coisas do tipo, fica fora do eixo da crítica especializada, e mais grave, fica fora da já parca mídia que divulga poesia no Brasil.

Neste sentido, outra vez percebemos que o poeta de Barreirinha destila fina ironia ao declarar que não faz parte “das histórias mesmo concisas da literatura brasileira” em referência ao livro de Alfredo Bosi, *História Concisa da Literatura Brasileira,* no qual apresenta uma antologia de escritores e estilos de épocas da nossa literatura. O título do poema, ao aproveitar-se da multissignificação da linguagem literária, coloca a palavra canto em dois sentidos, o de cantar propriamente dito, uma vez que a poesia e a música para muitos historiadores da linguagem “surgiram juntas como forma de expressão do indivíduo e da comunidade”(SANT’ANNA, 2003, p. 204).

A expressão “canto do meu canto” pode ainda sugerir a idéia do poeta que faz sua poesia, compõe seu cantar do seu canto, utilizando-se da acepção da palavra canto que remete a lugar.

O poeta e crítico brasileiro Affonso Romano de Sant’Anna é uma das poucas vozes destoantes dessa linha de pensamento. Em crônica ao Diário de Minas, Sant’Anna descreve que

> há que reativar a obra de poetas esquecidos, detonados na guerra entre os grupos e gerações. É necessário reinventar a crítica de poesia no Brasil e prestar mais atenção em poetas fora do eixo Rio/São Paulo. [2]

É nisto que centramos um dos focos da análise. Thiago de Mello está fora do eixo da crítica e fora do eixo geográfico economicamente privilegiado, o que acaba por conferir à sua poesia uma identidade. Não é o poeta, que para fazer parte das rodas da elite intelectual, muda-se para o citado eixo. Continua a cantar e viver o Andirá ao invés das praias de Copacabana.

Não pretendemos aqui estabelecer qualquer julgamento rasteiro acerca da importância maior ou menor de poetas no Brasil. Não nos cabe, e nem é nossa maneira de produzir crítica literária, estabelecer ranking de poetas maiores e menores. Mas a literatura precisa da crítica, seja ela sob a ótica da sociologia, da psicologia, da história, ou no nosso caso, da geografia.

O que nos cabe, do ponto de vista crítico e da pesquisa é, sem dúvida, estabelecer juízo pautado em critérios a respeito da obra de um poeta de suma importância na literatura brasileira contemporânea. E essa crítica se baseia em critérios advindos de um conhecimento e de leituras que nos possibilitam compreender a obra de Thiago de Mello. Para tanto, a compreensão espacial da Amazônia nos parece fundamental.

A Amazônia aparece em Thiago de Mello como uma nascente. Podemos observar que em seu primeiro livro de poemas publicado em 1952, *Silêncio e Palavra*, não haverá em nenhum dos 38 poemas referência à Amazônia. Esta representação vai aparecer no decorrer da publicação de seus livros até o tema arrebatar e se tornar predominante na sua produção poética. Seu livro *Mormaço na Floresta* de 1981 é um exemplo emblemático desse movimento, o qual acontece em sua obra desde a publicação de seu primeiro livro. Um livro-manifesto em defesa da floresta, em que praticamente todos os poemas deste livro serão representações da Amazônia, destacando-se sobretudo o poema *Amazônia, pátria da água*, poema este que ganhara uma edição exclusiva em 1990 com fotos de Luiz Cláudio Marigo. Nesta edição, o texto que aborda sobre a geografia, a história, dos modos de vida

---

[2] “O que (não) é poesia?”, Estado de Minas, 28.02.2010.

dos habitantes da Amazônia é intercalado por fotos, imbricando assim, duas formas de arte.

Amazônia é uma nascente na obra de Thiago de Mello, assim como o rio Amazonas o é. Nasce de um pequeno fio de água na Cordilheira dos Andes até ser o maior rio do mundo. Em Thiago, essa Amazônia começa por referências em alguns poemas até se tornar o imenso rio que corre em seus textos.

Podemos observar que a primeira referência ao lugar amazônico aparece em seu poema *A vida verdadeira*, no livro *Faz escuro mas eu canto* , publicado pela primeira vez em 1966.

Canto molhado e barrento
de menino do Amazonas
que via vida crescer
nos centros da terra firme.
Que sabe a vinda da chuva
pelo estremecer dos verdes
e sabe ler os recados
que chegam na asa do vento.
Mas sabe também o tempo
da febre e o gosto da fome.

Nas águas da minha infância
perdi o medo entre os rebojos.
Por isso avanço cantando.

Estou no centro do rio,
estou no meio da praça.
Piso firme no meu chão,
sei que estou no meu lugar,
como a panela no fogo
e a estrela na escuridão. (MELLO, 1987, p. 214)

O poema é escrito quando o poeta está em Santiago no Chile, no início do período da ditadura militar no Brasil. E no texto já se pode observar algumas palavras e temas que seriam uma constante na obra de Thiago a partir desse período, o “gosto da fome” falando da dura condição dos moradores da Amazônia. Também a idéia de ver em sua poesia como canto de esperança, “por isso sigo cantando”. É neste poema, que ao aparecer a Amazônia, ela está como o lugar do poeta. “Para os geógrafos, o estudo do lugar abre uma variedade de perspectivas. Lugares abrem lugar para ancoragem emocional para a atividade humana” (CARNEY ***in:*** CORREA e ROSENDHAL, 2007, p. 129).

Entender assim o lugar justifica a aparição da Amazônia na poesia de Thiago de Mello, ela surge quando o poeta, longe de sua pátria, retoma pela memória os aspectos que emocionalmente evocam a sua infância. Não deixa de ser também uma tentativa de se afirmar enquanto sujeito, uma vez que, segundo Tuan (1983, p. 206), embora possamos olhar para trás por diversos motivos, “uma é comum a todos: a necessidade de adquirir um sentido do eu e da identidade” Algo semelhante acontece na literatura brasileira com Ferreira Gullar e o *Poema Sujo*, publicado inicialmente em 1978 e onde o poeta, exilado na Argentina, escreve o poema com referências à sua infância e à sua cidade natal, São Luis do Maranhão.

Talvez com a exceção do seu primeiro livro, *Silêncio e Palavra* de 1952, a poesia de Thiago de Mello gira em torno de dois grandes aspectos estruturantes de sua poética: o ideal político e o lugar amazônico. O poeta predominantemente metafísico (temporal) vai cedendo lugar ao poeta que fala da sua pátria, da sua gente, de liberdade, da necessidade de se reconhecer na natureza, um aspecto fundamental da cultura amazônica.

O ideal político, bem compreendido em um contexto no qual a poesia brasileira esteve inserida na segunda metade do século XX, sobretudo após a instauração do regime militar em 1964, será um tema que acompanha a poética de Thiago de Mello. Impossível não pensar no contato que o poeta amazonense teve com Pablo Neruda durante o período que viveu no Chile. Thiago estabelece contato com o poeta chileno, ganhador do Prêmio Nobel de literatura em 1971 e bastante conhecido por sua obra *Vento Geral*. Essa obra de Neruda é marcada por uma postura política de esquerda, característica de boa parte da obra poética de Neruda.

Por diversas vezes, Thiago de Mello disse que o poeta antes de ser engajado ideologicamente deve ser comprometido com a vida, o que lembra semelhante afirmação feita por um contemporâneo seu, o também poeta nascido no Maranhão, Ferreira Gullar. Gullar afirma que o sentido da poesia é reafirmar a vida.

Muitas pessoas estão presentes na obra de Thiago de Mello, em seus poemas em forma de dedicatória na maioria deles, vão aparecer nomes que formam um quadro de nomes de poetas e intelectuais que contribuíram para a formação intelectual brasileira no período pós década de 60.

Cyntrão (2004, p. 32) refere-se à poesia que *re*-significa o homem. A autora ressalta ainda a importância de observar os fenômenos culturais no contexto dos estudos literários, uma vez que, segundo ela, o processo de criação literária pode se nutrir tanto da cultura erudita quanto do que é espontâneo e contextual.

Na obra do poeta aqui analisado, o lugar passa do simples referente (da objetiva descrição verossímil) ao *status* de um lugar com existência, motivado pela afetividade que o poeta mantém com o lugar e pelas alusões culturais que o texto traz em si. Aqui é evidenciado uma possibilidade de exploração do conteúdo geográfico dentro da literatura.

A leitura deve ser um exercício de compreender e se compreender, é certo que esse exercício tem nesses dois aspectos algo indissociável. Parece-nos impossível uma leitura que não se pretenda uma tentativa de compreender o texto, ao mesmo tempo essa compreensão do texto nos leva obrigatoriamente a uma melhor compreensão do mundo como um todo. Esta pesquisa, ao explorar o mundo representado na obra do poeta Thiago de Mello, busca compreender o mundo que o cerca e que nos cerca. O incessante diálogo mantido entre o eu do poeta e o nós da coletividade é momentânea conciliação dentro de uma sociedade historicamente construída. “Poesia, momentânea reconciliação: ontem, hoje, amanhã; aqui e ali; tu, eu, ele, nós. Tudo está presente: será presença” (PAZ, 1976. p.123).

A literatura pode ser lida e analisada por diversas formas de abordagem, entre todas, o aspecto cultural é um dos mais relevantes, pois colocamos o fazer poético em uma perspectiva de olhá-lo não só como o fruto de uma erudição ou de uma capacidade intelectual do autor, mas também como fruto do contexto no qual o autor vive. É claro que qualquer poeta do mundo pode escrever sobre a Amazônia, mas a Amazônia do poeta morador da floresta tem aspectos que só esse poeta é capaz de perceber e transpor ao texto.

ANTIMEMÓRIA

Lembro dela atravessando a rua,
da sua mão perdida me chamando.
Mas já é como se fosse através da água.

Barreirinha, o rio subindo fim do 85. (MELLO, 1986, p. 44)

Na Amazônia o homem ainda mantém a relação mais antiga entre o humano e a natureza, em muitos lugares, moradores da Amazônia acessam diretamente à natureza. Isto é ameaçado na medida em que o intermédio do dinheiro, do mercado, rompe a relação direta entre homem e natureza. E esse homem, ao perder essa relação, aceita essa ruptura. Nesta perspectiva é que se não entendermos que a natureza é o fundamental da cultura amazônica, não entenderemos o ser humano amazônico.

O animal da floresta

De madeira lilás (ninguém me crê)
se fez meu coração. Espécie escassa
de cedro, pela cor e porque abriga
em seu âmago a morte que o ameaça.
Madeira dói?, pergunta quem me vê
os braços verdes, os olhos cheios de asas.
Por mim responde a luz do amanhecer
que recobre de escamas esmaltadas
as águas densas que me deram raça
e cantam nas raízes do meu ser.
No crepúsculo estou da ribanceira
entre as estrelas e o chão que me abençoa
as nervuras.
Já não faz mal que doa
meu bravo coração de água e madeira.

O poema acima transcrito nos mostra como a relação homem e natureza se dá de modo intrínseco. Esta ligação é praticamente uma fusão sujeito-lugar. O coração do poeta se faz de “água e madeira”, dois elementos predominantes na Amazônia. Quando perguntado se madeira dói, responde que não faz mal que doa seu “bravo coração de água e madeira”. Isto sugere que a relação entre o sujeito e o lugar não á apenas de troca, mas sim de uma essência que a sua vivência no lugar determina. A floresta e os rios são o caboclo amazônico. Não há uma diferenciação ou algo que estabeleça uma fronteira corpórea onde um começa e outro inicia. É assim que a ameaça à floresta é uma ameaça também aos homens e mulheres e sua cultura. A violência contra o cedro lilás é também uma ameaça contra os que na floresta habitam e vivem com ela e para ela.

Nos poemas acima transcritos vemos que o predominante é a relação do poeta com o lugar, ou seja, os versos do poeta são reveladores das práticas sociais do poeta e da poesia, justificando assim o fato de analisarmos esta categoria

geográfica em nosso trabalho. Moreira (2008, p. 37) diz “com essa perspectiva, o espaço vivido, como ‘revelador das práticas sociais’ passa a ser a referência central, colocando-se o lugar no centro da análise.”

Entender em qual condição vivem homens e mulheres da Amazônia não pode ser pretendido apenas sob o olhar de dados, números, mapas, catalogação de espécies. Há algo subjetivo e muito maior que se dá no interior dos habitantes tradicionais. Monteiro (2002, p.15) fala que os trabalhos com literatura não visam contrapor a análise científica tradicional, mas conceder a esta ciência uma maior valorização do humano.

A forma literária ideal que plasma a poética do lugar será encontrada no já citado poema *Amazônia, Pátria da Água* de Thiago de Mello. É neste texto que encontraremos, intercalando prosa poética e versos, uma descrição poética da Amazônia. É nele, sobretudo que podemos identificar um discurso sobre a Amazônia sob a ótica de um morador do lugar. O texto da referida obra não apresenta a Amazônia de uma forma simples, como é recorrente nos discursos sobre preservação da floresta construídos no exterior. É o sujeito local falando da sua própria terra, sobre isso fala Loureiro (2007, p.174):

> Nada nasce do universal. A originalidade artística, por exemplo, nasce de uma relação cultural territorializada que nutre o trajeto antropológico do artista por sua cultura, a partir da individuação de experiências decorrentes de suas existência concreta. Nesse aspecto, o global pode vir a ser, também, escravo do local, na medida em que o escraviza.

4.2 A AMAZÔNIA POÉTICA DE THIAGO DE MELLO

O caso de Thiago de Mello, como já foi mencionado por diversas vezes nesta pesquisa, não é único. A relação poeta-lugar permeia a poesia de poetas de inúmeras gerações em diferentes países. O que difere o discurso de Thiago de Mello de outros discursos poéticos, em que a evocação do lugar surge como mola propulsora de uma voz poética, é sua inserção neste e o sentimento de pertencimento que se observa em seus textos que se referem à Amazônia. Pode ser uma relação de conflito e condenação, como no caso do heterônimo de Fernando Pessoa, Álvaro de Campos em seus poemas *Lisbon Revisited* ou *Tabacaria*. Pode

ser evocação melancólica de um tempo passado, como Manuel Bandeira em seu poema *Evocação de Recife* quando o poeta ao lamentar o tempo passado, conclui tristemente que “tudo lá parecia impregnado de eternidade”, ou seja, o lugar do poeta está no passado, inacessível.

Como dissemos, o caso de Thiago de Mello tem suas particularidades. O lugar está o tempo todo a sua volta, é o lugar da sua infância como no poema *Filho da Floresta, Água e Madeira,* mas é também o lugar de seu presente, é o lugar onde vive e ao qual se integra em vivência e verso. A Amazônia está para Thiago de Mello como Thiago de Mello está para Amazônia. Nos dias de hoje, reconhecidamente, o poeta aqui analisado é referência quando se pensa a Amazônia. Mas nem sempre foi assim. Ao surgir para a poesia em 1952 com seu livro *Silêncio e Palavra,* ele é metafísico, predominantemente temporal, não faz referência alguma à Amazônia. Ela surge a partir do seu exílio no Chile, do seu contato com Neruda, e indiscutivelmente, ela é uma irrupção. Sant’Anna (2003, p.167) ao analisar espacialidade e temporalidade na poesia fala do caso de Drummond,

> Ali tratei de demonstrar que no princípio da obra a consciência do tempo está ausente. Predomina o espaço. O surgimento do tempo se da com o deslocamento no espaço, a vindo do poeta da província para a metrópole e o inserir-se em sua época. Ao descobrir o presente, aqueceu o passado, criou expectação de futuro e descobriu que estava exposto à destruição e à morte. Construir a obra além da ruínas é o desafio a ser enfrentado pelo artista. A obra que registra a demolição do autor, coloca-se ela mesma, luminosamente, além do tempo.

O poeta cede lugar à obra, e se a obra enfim não toma o lugar do poeta, é por que não é boa o suficiente. É nesse sentido que se considera a imortalidade da arte. O caso de Drummond analisado aqui no excerto acima coloca um ponto de reflexão sobre a obra de Thiago de Mello. Como dissemos, ele, em princípio, é predominantemente temporal. Sua ancoragem no espaço é posterior e acontece mais de dez anos após sua estréia. Mas ao surgir, traz em si uma relação não de conflito, de inconformidade com a sua condição ou de saudade de um lugar que não mais existe. O lugar de poeta é concreto, vivido, repleto de experiências e acessível para ele como sujeito.

Destacamos nesta pesquisa a produção de Thiago de Mello que se estende até o início da década de 80, são seus primeiros 30 anos de criação literária. Esse

surgimento da Amazônia na obra do poeta é lento e leva a um livro fundamental em sua bibliografia, considerando o que estamos desenvolvendo, *Mormaço na Floresta* de 1981 e entre os poemas desta obra, destacamos um poema longo chamado *Amazonas, pátria da água* e que alterna seu texto em verso e prosa poética.

O uso do termo poética para delimitar o objeto de análise neste estudo, evidentemente, não é gratuito. O termo poética pode assumir diversas acepções, entretanto, Tzvetan Todorov (2008, p.70) diz que

> o que ela estuda não é a poesia ou a literatura mas a 'poeticidade' e a 'literariedade'. A obra particular não é para ela um fim último; se ela se detém nesta obra e não em outra, é porque esta deixa transparecer mais nitidamente as propriedades do discurso literário. A poética estudará não as formas literárias já existentes mas, partindo delas, um conjunto de formas virtuais: o que a literatura *pode* ser mais do que o que ela *é* [grifo do autor].

O autor nos dá ainda outra coerente definição ao definir poética "como investigação das propriedades do discurso literário" (TODOROV apud MARANDOLA JR & GRATÃO, 2010, p. 10)

Assim, o que nos interessa na presente análise é acepção da poética que se refere ao conjunto de recursos expressivos de um determinado escritor, é o caso, por exemplo, de Mikhail Bakhtin ao escrever seu clássico livro *Problemas da Poética de Dostoievski.* O estudioso usou o termo poética para se referir às questões expressivas que compõem a obra do romancista russo.

Logo, nossa escolha coloca em primeira mão a intenção de analisar o conjunto de recursos expressivos que resultam no todo da obra do poeta, além, é claro, de se tratar de uma obra de poesia.

O poema citado como central nesta análise, *Amazônia, pátria da água* é um exemplo de como por poesia, não se entende apenas o que se está escrito em verso. O texto, oscilando em seu discurso, a prosa e o verso conferem ao poema um tom de denúncia em alguns momentos, de descrição histórica e geográfica em outros, e nem por isso prescinde da predominância poética. É essa predominância da linguagem poética é o que traz o que já dissemos ser o fundamento de se usar a literatura como fonte para a geografia, uma visão humana do lugar.

> Este é o rio que Vincente Pinzón olhou em 1500, sem saber que já havia abandonado o Atlântico e ingressava na foz de um oceano de águas doces. Santa Maria de la Mar Dulce. Era o Amazonas varado pela quilha das caravelas primeiras. O Paraná-açu dos índios que habitavam as suas margens. Foram muitos o seus nomes:
> Mar Dulce,
> o rio de Orellana,
> Marañon,
> o Guieni do índios aruaques,
> Parauaçu dos Tupis,
> rio de las Amazonas,
> o Grande rio das Amazonas, o rio Amazonas, que percorre mais de seis mil quilômetros, desde o fio de água que desce do Lago Lauri, Lauricocha, na cabeça dos Andes, desce também de Vilcanota, e vai tomando corpo no Urubamba, águas de barro ganha no Ucayali e logo se engrossa no Solimões na selva peruana, encontra a sua calha principal entranhando-se no Brasil (MELLO, 1987, p. 430).

Este excerto é uma amostra da abordagem espaço-temporal que predomina no poema *Amazonas, pátria da água.* O texto inicia com uma referência histórica a Pinzón, colonizador espanhol, e segue dizendo que, entretanto, “índios habitavam suas margens”, ou seja, não é uma descoberta, é apenas uma chegada. Após a referência histórica, seguem os nomes dados ao rio em diferentes culturas, enumerando-as, para depois empreender uma descrição geográfica do percurso que o rio faz de sua nascente até se transformar no rio imenso que é o Amazonas.

Não nos restam dúvidas em observar que a poesia de Thiago de Mello é antes de tudo caracterizada por uma poética do lugar. Nesse sentido, entender o lugar é imprescindível para entender a obra de Thiago de Mello. Como já dissemos, a poesia é cristalizadora do imaginário, e para entender a Amazônia em uma perspectiva pós-colonialista, a obra do poeta nos oferece importante contribuição, pois para olhar a região amazônica sob uma ótica autônoma é preciso que haja, em primeiro lugar, representações que demonstrem uma autonomia discursiva.

São diversos os poemas que evocam a Amazônia na produção de Thiago de Mello. Mas no período aqui analisado, os poemas de *Mormaço na Floresta,* livro publicado pela primeira vez em 1981, do qual faz parte o extenso poema *Amazonas, a pátria da água,* são essenciais. *Mormaço na Floresta* é uma série de poemas escritos por Thiago de Mello entre 1979 e 1981, em que melhor aparece a representação poética do lugar. Além da data no final de todos os poemas, eles ainda apresentam o lugar onde foram escritos, dando uma idéia de mobilidade na confecção dos textos. Embora alguns poemas desse livro tenham sido escritos no

Rio de Janeiro, a maior parte foram escritos em Barreirinha ou na região amazônica, ou seja, poemas escritos no lugar de origem do poeta.

Logo de início, o livro chama a atenção pela dedicatória às crianças caboclas de Barreirinha. Na longa dedicatória, o poeta fala do seu retorno “aos verdes dos meus barrancos” chamando a atenção que isso não resultou em perda de alegria. É o retorno do poeta ao seu lugar de origem. Mas o que mais se destaca na dedicatória é a referência que é feita às crianças: “sucede que não posso viver em paz porque vivo e convivo com crianças que, eu sei, dormem com fome” (MELLO, 1987, p. 383). Esta dedicatória exprime não um conflito com o lugar, mas uma não aceitação da miséria. Este tema inclusive permeia o livro de forma recorrente.

Os poemas de *Mormaço na Floresta* possuem uma unidade temática que estabelece o sentido geral do livro. Eis a importância de procurar ler e compreender a obra como um todo. Não se conhece um poeta pela leitura esparsa de poemas, aleatoriamente. Para se ter um mínimo de autoridade na análise é preciso uma leitura atenta do todo da produção do poeta. Isto também nos leva, por exemplo, a observar a repetição de algumas palavras, que acabam por ser reveladoras. “Todo escritor emprega palavras obsessivas, repetitivas, mais reveladoras que todos os fatos compilados por biógrafos pacientes” (MILLER, 1983, p. 29).

No caso da obra aqui analisada, percebemos que boa parte dos poemas gira em torno de termos como fraternidade, canto, solidariedade, ternura. Isto revela a visão de mundo presente no texto, deixando claro que “a análise, em síntese, não se interessa pela “verdadeira” posição ideológica do enunciador real, mas pelas visões de mundo dos enunciadores (um ou vários) inscritos no discurso” (FIORIN, 2007, p. 51).

Embora tenhamos feito diversas considerações sobre a vida de Thiago de Mello, uma vez que não desconsideramos o sujeito histórico que escreve em dado momento sobre seu lugar, salientamos que a análise literária, no nosso entendimento, deve também focar-se no texto, que deve ser o objeto privilegiado de estudo. Buscar suporte teórico ou situar o enunciador externo, no caso o poeta Thiago de Mello, serve para a melhor compreensão do enunciador interno, no caso o sujeito poético inscrito no texto.

As palavras recorrentes no texto, como citamos acima, revelam uma visão de mundo de um sujeito poético que se envolve emocionalmente com o lugar. Isto fica ainda mais claro quando vemos que a palavra mais recorrente, repetida com obsessão para usar as palavras de Miller, é a palavra esperança. Esta palavra parece amarrar os termos acima citados e que remetem à ideia do sujeito emocionalmente envolvido com o lugar. A palavra esperança também é o que procura apaziguar e conciliar as oposições presentes nos poemas, tais como liberdade x servidão, verdade x mentira, luz x escuridão, injustiça x justiça.

Um sentimento de retorno à sua terra e à sua gente está presente em todos os poemas. Um sentimento que se mistura a dor de ver miséria e desamparo em todo lugar. No poema *Maria Menina Clara*, que fala do nascimento de uma criança, temos a seguinte estrofe:

> Chegas num tempo marcado
> pela dor da servidão,
> os homens mal soletrando
> a lição de ser irmão.
> Na antemanhã que te espera
> a injustiça é treva densa
> e o orvalho que cai não lava
> as cinzas da indiferença. (MELLO, 1987, p. 401)

Em outro poema, *Não Aprendo a Lição,* também é possível observar os aspectos acima comentados:

> Frente à verdade ferida
> pelos guardiões da injustiça,
> ao escárnio da opulência
> e poderio dourado
> cujo esplendor se alimenta
> da fome dos humilhados,
> o melhor é acostumar-se,
> o mundo foi sempre assim.
> Contudo, não me acostumo. (MELLO, 1987, p. 404).

O poeta vive num mundo de injustiças, mas não a aceita, uma vez que encontra na esperança a arma para seguir seu caminho:

> De mãos encardidas,
> de olhos manchados,
> sobrevivemos.

> Resguardamos o rumo e a esperança.
> No caminho do amor ninguém se cansa,
> porque se aprende a olhar de frente o sol. (MELLO, 1987, p. 395)

O conjunto de poemas que compõe *Mormaço na Floresta* é exemplar na forma como se estabelece a relação entre sujeito e lugar. Encontramos nos versos do poeta essa indignação frente è miséria humana ao tempo que também existe a busca por reconhecer-se na natureza que compõe seu espaço:

> Nesta manhã de domingo de verão,
> sozinho na varanda desta casa
> erguida aqui no meio da floresta
> com a ajuda dos caboclos meus irmãos
> – percebo que o vento ainda não chegou.
> Estão imóveis as asas das palmeiras,
> as flores mais altas dos cajueiros
> brilham paradas na luz alucinante.
> [...]
> O vento só costuma ir embora
> quando começa a anoitecer.
> Vai lá para o outro lado do rio,
> passa a noite passeando
> pelas águas do Andirá,
> só volta de madrugada. (MELLO, 1987, p. 397)

Estes versos do poema *O Menino e o Vento* descrevem essa relação mantida com a natureza, inclusive, com os "caboclos irmãos". Uma integração de quem observa o meio onde vive sendo parte constituinte deste ambiente. O poema ainda versa sobre a relação mantida entre o vento e um menino, o Marcote, uma "frágil flor enferma da fome de Barreirinha". O verso apresenta uma aliteração do fonema "fê" que sugere a ideia da fome que se perpetua.

Temos então no poema acima uma representação da relação que o sujeito amazônico mantém com um elemento da natureza. Uma vez questionado no poema sobre onde foi o vento, Marcote reponde: "o vento foi dormir lá no Andirá". O menino sabe do vento, entende o meio onde vive e as variações do vento.

Todos os poemas de *Mormaço da Floresta* acabam por ser representações da relação entre os humanos e o seu lugar. Mas não há dúvida que o poema que melhor plasma essa relação do poeta com seu lugar *Amazonas, pátria da água,* no qual o poeta assume uma voz em busca da autonomia discursiva em relação ao seu lugar. Não deixa os outros falem em seu lugar, propõe ele mesmo um discurso sobre sua pátria:

> A este universo de água e de terra, de rio e de selva, chegou o homem. É recente sua chegada. Só há dez mil anos, já sabem os cientistas, chegaram os índios à Amazônia e dela fizeram a sua morada. É portanto esse o tempo de sua fundação, do seu verdadeiro começo: o homem chegando para permanecer e amar (MELLO, 1987, p. 428).

O texto aqui se apresenta sob um enfoque espaço-temporal, pois foge ao discurso do exterior sobre a sua terra. Apresenta o espaço da diversidade e um tempo que não é o da chegada do colonizador. Mas é subterfúgio do processo de colonização que leva à apropriação de outras culturas, a generalização e a tomada de decisão nos centros privilegiados economicamente, tentando assim, irradiar uma lógica única às mais diversas culturas.

> Aqui, se põe finalmente uma questão espaço-temporal de implicação geoeconômica e política. Refiro-me ao fenômeno da globalização e a sua função como uma coordenada espaço-temporal. É inevitável que o neoliberalismo como sinônimo de Pensamento Único acabe gerando um tempo único num espaço escolhido. Do ponto de vista espacial coloca ao nosso alcance os produtos geridos e gerados pelo centro, deslocando para cá seus produtos, faz com que sejamos objeto de consumo enquanto consumimos os objetos deles, sem que nossos objetos e sujeitos consigam o mesmo trânsito na ordem inversa (SANT'ANNA, 2003, p. 183).

Essa reflexão situa muito bem uma realidade também abordada por Loureiro (2001) e que todos sabem ser amplamente difundida em toda relação de colonizador e colonizado. A de colocar uma cultura superior a outra, e quando a cultura considerada inferior encontra algum espaço é como o "exótico", o "pitoresco". Ora, os homens e mulheres da Amazônia, com milhares de anos de história não são meros estereótipos que as visões de mundo dominadoras tentam construir e cristalizar no imaginário em geral. Esta é a forma encontrada para revestir a dominação com um caráter de intercâmbio. Os versos de Thiago de Mello (1987, p.429) são um contraponto a esta intenção.

> Depois os outros chegaram. Os chamados brancos, com a cruz e o arcabuz, e o sangue que ia ajudar a compor uma nova etnia, ao longo de quatro séculos de aventura humana. Aventura que se prolonga, ainda hoje, marcada pelo signo do desamor.

O outro, no texto, não são os moradores tradicionais que na Amazônia já se encontravam, e sim o que chega para a dominação violenta com "a cruz e o

arcabuz". As duas palavras aqui destacadas, que formam uma rima interna no poema, acabam por se equivalerem, a cruz é a dominação religiosa e ideológica, e o arcabuz a força.

O que aparece representado é justamente a destruição e o extermínio empreendido pelos que chegam à região e como isso transforma a vivência humana, culminando na miséria com a qual o poeta do presente da sua enunciação se depara, ou seja, o poema *Amazônia, a pátria da água* não é apenas tola e ingênua exaltação da beleza e da grandiosidade da floresta e dos rios. Não é, como observa Affonso Romano de Sant'Anna , um discurso "de rios e pretensões"(2004, p. 234) como era pretendido pelos militares brasileiros na década de 70.

Essa é a visão do poeta sobre a Amazônia, uma visão formulada e estabelecida através do discurso poético. Sobre a palavra poética,

> Aqui as relações facinam, é a Palavra que alimenta e satisfaz como o desvelamento repentino de uma verdade; dizer que esta verdade é de ordem poética, é apenas dizer que a Palavra poética ne pode jamais ser falsa porque ela é total; ela brilha de uma liberdade infinita e se prepara para raiar para mil relações incertas e possíveis.[3] (BARTHES, 1953, p. 69).

Nas palavras de Barthes, a palavra desvenda subitamente uma verdade, e mesmo sendo uma verdade poética, não é nunca falsa. Com sua liberdade, ela se abre às relações possíveis. A relação com diversos elementos que compõem a natureza amazônica está presente no decorrer do texto, o rio, as populações tradicionais (caboclos, índios), a fauna, a flora, e de um outro lado, toda o processo de degradação e de destruição da floresta que resultam na pior de todas as mazelas, que é, sem dúvida, a miséria humana.

O texto de Thiago de Mello oferece ao geógrafo, ao historiador, ao sociólogo elementos para a compreensão das transformações espaço-temporais ocorridas desde a chegada dos primeiros colonizadores, e principalmente, do que isso resultou. Embora não entendamos literatura apenas como um reflexo da realidade, em alguns casos isto ocorre. E do efeito de realidade que é em primeira instância o que ocorre na criação literária, podemos extrair reflexos de uma determinada

---

[3] Tradução nossa.

conformação social, aspectos que nos permitam entender a construção de um espaço ou o processo histórico de um lugar.

A relação entre sujeito e lugar no texto *Amazonas, a pátria da água*, se dá, sobretudo pela relação que o sujeito poético mantém com o rio. Prova disto que o principal poema do livro *Mormaço da Floresta* é um poema que define "é a Amazônia, a pátria da água" (MELLO, 1987, p 427).

> A lei do rio não cessa nunca de impor-se sobre a vida dos homens. É o império da água. Água que corre no furor da correnteza, água que leva, água que lava, água que arranca, água que oferta cantando, água que se despenca em cachoeira, água que roda no rebojo, água que vai, ainda bem que começou a baixar, mas de repente volta em repiquete, água de rio que quase não corre, um perigo quando o vento vem, ela se agarra no vento para poder voar, água parada no silêncio igapó. (MELLO, 1987, p. 431)

O rio é elemento predominante na representação poética do lugar. E dele que emana a vida da floresta.

> Água imóvel: no lago do Marcelo, ali atrás do Paraná-mirim da Eva, quando o Uirapuru canta toda a floresta fica silenciosa, os outros pássaros param de cantar e as águas ficam imóveis, escutando, de vez em quando e pele delas estremece. Água atravessada de capim de margem a margem, água coberta de chavascal, a gente caminha por cima da espessa vegetação entrelaçada. água de doenças: água de ameba, água de febre negra (MELLO, 9187, p. 431).

Inclusive este trecho do texto sugere uma idéia de integração entre os elementos do lugar quando "as águas ficam imóveis, escutando, de vez em quando a pele delas estremece." O rio se impõe fisicamente e simbolicamente. Infelizmente, a água não é a mais apenas a representação da vida, também se tornou, pela depredação, símbolo de morte.

Sobre a integração total entre o caboclo amazônico e o seu lugar, Paes Loureiro (2001, p. 125) esclarece:

> Os rios na Amazônia constituem uma realidade labiríntica e assumem uma importância fisiográfica e humana excepcionais. O rio é o fator dominante nessa estrutura fisiográfica e humana, conferindo um *ethos* e um ritmo à vida regional. Dele dependem a vida e a morte, a fertilidade e a carência, a formação e a destruição de terras, a inundação e a seca, a circulação humana e de bens simbólicos, a política e a economia, o comércio e a sociabilidade. O rio está em tudo.

É o rio que influencia os modos de vida das populações ribeirinhas, influenciando inclusive o ciclo econômico do lugar:

> Na sua casa, na sua comida, no seu trabalho de cada dia. O regime das águas é um elemento constante no cálculo da vida do homem. Porque são também ciclos econômicos. Grandes vazantes significam fartas colheitas: a terra inundada é fertilizada pelo rio, que lhe acrescenta em sais minerais e matérias orgânicas. [...] Grandes cheias correspondem a duras calamidades e amargas misérias: o peixe se esconde nos lagos de remanso, aos quais se chega pelos varadouros da mata, as plantações são destruídas, o gado tem que ser levado para as alturas da terra firme ou então é reunido às pressas na 'maromba', exíguo curral erguido sobre esteios acima das águas, as sucurijis espreitando; o soalho das casas fica submerso, as cobras se aproximam no faro dos animais domésticos (MELLO, 1987, p. 432).

A relação com o rio, como podemos observar nas citações acima, é uma relação ambígua de dor e alegria, de vida e morte, de fartura e miséria. A última citação acima mostra de forma bastante eficiente toda a dinâmica que o rio impõe aos moradores do lugar, como o rio influencia na mobilidade das pessoas, na produção de alimento, no trato com os animais.

O texto de *Amazonas, a pátria da água* vai ainda repassar importantes aspectos do modo de vida das pessoas que vivem na região, como os hábitos alimentares, falando do cacau, da castanha-do-pará, do cupuaçu, da graviola, do caju, da farinha de mandioca, do peixe. O texto diz "cabe uma louvação das frutas da minha floresta" (MELLO, 1987, p. 435). O texto nos oferece então um inventário dos hábitos alimentares das populações tradicionais.

Como já dissemos anteriormente, o extenso poema de Thiago de Mello repassa por questões históricas, como a chegada dos primeiros colonizadores, salientando, no entanto, a presença humana que já havia no lugar. O texto vai fazer referência a acontecimentos mais recentes da nossa história como o ciclo da borracha, mais uma vez destacando a ambiguidade deste ciclo, uma vez que trouxe riqueza para alguns e miséria e degradação para muitos (MELLO, 1987, p. 437).

A visão crítica nas representações do lugar confere ao poema um tom de autonomia, a Amazônia não é o lugar do tolo encantamento diante de suas maravilhas naturais. Também não é um espaço sem uma historicidade, e a procura por refletir essa historicidade é o que vai, ao longo do texto, construindo os principais

aspectos estruturantes da poética de Thiago de Mello no período aqui analisado, que como já dissemos, é a relação que o sujeito poético mantém com seu lugar e o ideal de justiça e liberdade.

A relação mantida com seu lugar de origem reflete-se até mesmo quando o sujeito poético coloca-se como o morador tradicional,

> É tempo de dizer que é dolorido, para mim, caboclo do Amazonas, dizer de verdade da vida que reúne, e desune mais que une, as águas, as florestas, os animais e os homens da Amazônia" (MELLO, 1987, p. 433)

Uma ligação triste revestida por uma dor de quem vê um iminente aniquilamento do seu lugar. O poeta sente essa provável destruição porque ele percebe a natureza como uma parte de seu ser, como um elemento constituinte da sua cultura, dessa forma, não consegue ficar passível diante da ameaça.

> Cada dia aumenta mais o desflorestamento. A floresta amazônica, fragmentada em toros de madeira, espremida na superfície dos compensados, hoje é levada para todos os lugares do mundo. Sucede que tantas vezes ela é simplesmente devastada, consumida pela ganância, que não pode perder tempo, das grandes empresas agropecuárias (MELLO, 1987, p.439).

Claro está que para o poeta que essa devastação também implica na devastação de toda uma cultura à mercê da ganância do capital. A Amazônia é possuidora de uma rica mitologia, resultado da milenar presença humana no lugar. Mitologia esta que tem sido alvo nos últimos 500 anos de constantes ataques, porque o processo de colonização não implica apenas no assalto físico aos bens matérias de uma região. Mas também se dá pelo processo de inferiorização da cultura colonizada. Paes Loureiro tem se tornado uma das grandes vozes a empreender reflexões em sentido contrário a este pensamento. Loureiro não vê motivos que para o conjunto de lendas e mitos da região amazônica sejam simples folclore, uma vez que durante muito tempo "estar longe do espaço europeizado significava estar num tempo passado, primitivo" (2001, p. 41). Sendo assim, considera que na Amazônia existe "uma cultura que, por meio do imaginário, situa o homem numa grandeza proporcional e ultrapassadora da natureza que o circunda" (2001, p. 43).

Sobre a relação que o mito mantém com a poesia, Loureiro (2007, p. 12). afirma o seguinte: “Pode-se dizer que, pelo mito, as pessoas sentem que algo existe, enquanto que, pela poesia, elas sentem a sua própria existência. Instaurando o mito na palavra, a poesia instaura o ser do mito dessa palavra” .

Octávio Paz (1976, p. 12). vai além disso ao afirmar que “é inconcebível uma sociedade sem canções, mitos ou outras expressões poéticas”. Sendo assim, entendemos que toda sociedade precisa de mitos, canções ou qualquer expressão poética. A perda da identidade de um povo vem acompanhada da perda dessas expressões, que são em última instância, a perda da sua própria linguagem.

E da mesma forma, a violência e a imposição da cultura colonizadora, hoje é um dos grandes problemas das populações tradicionais da Amazônia. Este aspecto também aparece em *Amazonas, a pátria da água*, quando o poema fala que a floresta busca se defender pela sua fauna, pela sua flora, e também com seus mitos,

> Defende-se com os poderes de encantamento dos lendários habitantes da selva. O matinta-pereira, o curupira, o mapinguari. O matinta, vulto alvacento que surge da sombra ao lado da gente e de repente some, aparece mais adiante, imóvel junto a um tronco, logo se esvai, volta por detrás e assopra, é aquele ventinho frio, na nuca do caboclo apavorado. O matinta gosta muito de assustar, mas no fundo é um brincalhão.
> O curupira tem o fraco de ajudar a quem se perde na floresta. Mas tem o forte de abrir caminhos de perdição para quem entra na mata com intentos de maldade. Anda sempre rindo, corre gargalhando, os pés virados para trás.
> O mapinguari é o duende mais poderoso, considera-se o dono da mata. Detesta madeireiros e caçadores, em cujos caminhos arma ciladas quase sempre fatais (MELLO, 1987, p. 446).

Os lendários habitantes da selva, e outros não citados no texto de Thiago de Mello, constituem um conjunto de seres que compõem uma mitologia, ou uma encantaria para usar o termo empreendido por Loureiro (2001, p. 14). E não há motivos para que esse conjunto de mitos seja visto como inferior à mitologia grega ou nórdica. Inferiorizá-lo é um recurso, como já dissemos anteriormente, da cultura do colonizador, pois o domínio físico é seguido do domínio cultural e a destruição da floresta está atrelada à destruição do imaginário, como podemos perceber dentro do próprio poema, “mas às vezes penso, ao considerar a ação dos malfeitores que destroem a floresta, que os curupiras e os mapinguaris do Amazonas também estão se acabando” (MELLO, 1987, p. 447).

O processo violento de destruição da natureza, da mitologia amazônica é acompanhado pela dizimação e aculturação das populações indígenas. Um processo que, iniciado há mais de 500 anos com a chegada dos Europeus às nossas terras, nunca cessou.

A situação de marginalização e de assalto da cultura indígena também está presente no texto de Thiago de Mello. Mais uma vez, a morte física dos povos indígenas vem acompanhada de morte da sua cultura, pois apenas assim, a dominação pode ser completa.

> Eles eram mais de um milhão quando aqui chegou o colonizador europeu. De extermínio em extermínio, depois de quatrocentos e tantos anos, hoje eles não chegam a cinqüenta mil. E desses, quase todos já perderam, feridos fundamente na essência dos valores de sua etnia, a sua própria condição de índios. Uns poucos ainda resistem, escondidos nas últimas lonjuras da selva, fugindo ou evitando ao máximo, quando podem, o contato com os chamados agentes da civilização (MELLO, 1987, p. 449).

A percepção do lugar está presente em todas as reflexões feitas no decorrer do poema *Amazonas, a pátria da água.* Entretanto, a grande demonstração da sensibilidade poética está no final do texto. Depois de ter trazido para o texto exemplos dos modos de vida das populações tradicionais, aspectos culturais e a forma de como a natureza é parte da cultura amazônica, além dos problemas da colonização, do desflorestamento, o texto fecha com a narração do encontro do poeta com uma criança.

O texto menciona que pela primeira vez o poeta não consegue se comunicar com uma criança. E o motivo é a fome. O clássico poema de João Cabral de Melo Neto, *Morte e Vida Severina,* fala de algo que pode servir de contra ponto para a análise do poema de Thiago de Mello. O poema de João Cabral fala da peregrinação de Severino que se desloca do sertão de Pernambuco em direção ao litoral para fugir da morte, da miséria imposta pela seca. Em sua busca pela vida, Severino se depara o tempo todo com a morte, e mesmo quando chega à zona da mata e ao litoral pernambucano, continua a se deparar com a miséria e com as injustiças, e acaba por perceber a injustiça não é um problema climático, e sim uma questão social imposta por um sistema político e econômico desigual. Esse poema, predominantemente espacial ao descrever toda a mobilidade do personagem no

estado do Pernambuco, nos leva a refletir como a miséria é antes de tudo um problema que reside fora das condições ambientais.

No caso do fato narrado no poema *Amazonas, a pátria da água*, o da menina Marieta, temos o mesmo problema. A água, normalmente símbolo de vida por ser essencial à sobrevivência de todos os seres, não garante a saúde ou uma vida melhor aos moradores da Amazônia. Marieta é uma menina sobre a qual o poeta declara, “quero agora contar a história de um dolorido fracasso: pela primeira vez nesta viagem, e acho que pela primeira vez na minha vida, não consegui me comunicar com uma criança (MELLO, 1987, p. 454).

A história da menina narrada no poema é representativa da realidade de crianças que vivem na Amazônia e em muitos outros lugares do mundo, vítimas de desigualdade. O poeta, em uma viagem que descreve no final de *Amazonas, a pátria da água*, fala do encontro com mulheres em uma casa de farinha. “Teresa tem 26 anos e seis filhos, Zilda Isidório, 29 anos e 9 filhos. São magras, a pele tostada pelo sol, os zigomas salientes, os cabelos lisos e negros caindo nos ombros. No fundo das pupilas, o brilho sinistro da fome”. (MELLO, 1987, p. 453)

Temos então, nessa passagem, a condição de vida das mulheres na Amazônia e sua realidade de fome. Zilda, narra o poeta, é mãe de Marieta, a menina que conhecera quando esta veio ao barco buscar um remédio prometido pelo poeta a sua irmãzinha que ardia em febre. A descrição do silêncio da menina diante da tentativa do poeta em comunicar-se com ela fecha o poema como metáfora da situação das pessoas que vivem na Amazônia. O único sinal de comunicação da menina com o poeta é um leve sorriso na despedida, e mesmo assim, declara o poeta, é “o sorriso mais dolorido que já vi na minha vida” (MELLO, 1987, p. 457).

Ao se afastar de Marieta, o poeta observa em seus olhos um misto de força e desamparo, e nesse sentido, ela é pelas palavras do próprio texto “o olhar da própria Amazônia, de alguém que sente precisão de amor” (MELLO, 1987, p. 460).

A Amazônia é um espaço que se transforma no tempo.

> A Amazônia já não é mais a região misteriosa de antigamente, um exótico celeiro de lendas. Não é a Manoa do Lago Dourado, nem o País das Amazonas. Também já não se trata apenas do paraíso, com a bem-aventurança da luz na poderosa quietude da selva. Nem do inferno, rubro do fogo das febres, das serpentes e peçonhas (MELLO, 1987, p. 458).

O texto nos mostra que a Amazônia não é o lugar dos extremos, não é nem o paraíso nem o inferno verde. O lugar que se apresenta é o palco da relação que os humanos mantêm entre si e com a natureza e a forma como se apropriam disto tudo. A valoração que os seres humanos recebem no texto de Thiago de Mello mostra que a o lugar amazônico é uma cultura autônoma que foge aos estereótipos que procuram fazer com que uma cultura seja subjugada por outra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A geografia se ocupa em estudar as questões referentes à espacialidade humana. A literatura, de diversas maneiras, é uma formadora dessas espacialidades. Um exemplo é a maneira como os lugares são evocados pelo texto literário.

Podemos conhecer faces da cidade de Salvador pelos textos de Jorge Amado, ou Curitiba pelos contos de Dalton Trevisan. Mas a literatura está além. Ela tem o poder de evocar as espacialidades de um outro tempo. Por meio dela, é possível entender que percepção um retirante tinha de seca no nordeste no início do século XX em *Vidas Secas* de Graciliano Ramos ou como os sertanejos percebem o sertão em Guimarães Rosa.

Nossa percepção do espaço se constitui por diversos caminhos. O presente trabalho demonstra como a poesia de Thiago de Mello constrói uma espacialidade para os sujeitos amazônicos e mesmo para os que não são da região.

È bom que ressaltar que não chegamos a descobrir nada excepcionalmente novo na obra de Thiago de Mello. A geografia nunca esteve ausente nos poemas do autor que procuramos analisar no decorrer do trabalho. O que fizemos foi exprimir geograficamente uma experiência que sempre esteve nos textos do poeta.

No decorrer do trabalho pudemos mostrar como a literatura pode ajudar na compreensão de um lugar ou de uma determinada sociedade. Os poemas de Thiago de Mello são uma amostra da Amazônia nas dimensões do objetivo e do subjetivo.

Evidentemente, não nos cabe procurar entrever pelo texto qual a intenção do poeta ao escrever sobre seu lugar. Cabe-nos sim entender o que, dentro do discurso literário, revela-se sobre a configuração espacial da Amazônia. O texto de Thiago de Mello nos apresenta desde o processo histórico da colonização e suas consequências nos dias de hoje até a relação mais simples que os moradores tradicionais mantêm com seu lugar através de seus hábitos de vida que revelam uma convivência totalmente integrada às condições das florestas e dos rios. O texto não omite também o processo de dizimação das culturas indígenas e denuncia a miséria humana que assola a região.

A obra de Thiago de Mello vai muito além do que aqui foi analisada. Isto é característico dos grandes literatos. Mas entendemos que, sobretudo no período que foi analisada, entender a importância que o lugar tem na poética dos textos é fundamental para uma melhor compreensão da poesia do poeta de Barreirinha. Assim, a leitura de Thiago de Mello revela-se uma oportunidade de conhecer e compreender a Amazônia e sua gente.

Acreditamos que a poesia pode refletir o imaginário ou o ideário de uma sociedade ou de uma nação, como ocorre em *Os Lusíadas* de Camões. Assim sendo, ela se torna uma ferramenta para entender a sociedade como um todo. No caso da Amazônia, os poemas de Thiago de Mello nos conduzem aos modos de vida dos caboclos, dos índios, dos ribeirinhos.

Para a maior parte da população da Amazônia, a natureza não é algo sem a presença humana. Ela é a integração dos homens, mulheres e crianças com o rio, a selva, os animais. O poeta Thiago de Mello é Amazônia, é o caboclo que vive e luta pelo direito de preservação dos rios, da floresta e da sua gente. Para o poeta e caboclo, a Amazônia tem um olhar de criança, de alguém que precisa de proteção e amor.

A poesia de Thiago de Mello oferece para quem não é da Amazônia uma oportunidade de conhecer melhor e de uma forma descolonizada o verdadeiro lugar com sua gente. Para quem é da Amazônia, Mello oferece a seus iguais um forma de se reconhecer, fortalecendo, assim, suas identidades e estreitando fortalecendo elos com o seu lugar.

Os poemas de Thiago de Mello nos mostram a Amazônia com uma história milenar, com uma geografia complexa e com inúmeras variações sociais, climáticas e ambientais. Sobretudo em *Amazonas, a pátria da água,* encontramos o testemunho poético de como a relação sujeito e lugar se processa de forma plena.

Este estudo não esgota a leitura geográfica da obra de Thiago de Mello. Tanto pelo fato que nos detivemos apenas em uma das obras do poeta, no caso, o livro de poemas *Mormaço na Floresta.* Também não se esgota porque uma das características de uma obra de arte é a inesgotável possibilidade de leituras. E é exatamente por este último aspecto que trabalhos que envolvem geografia e

literatura se apresentam como uma forma de se ler geograficamente poemas ou romances, enriquecendo-os com novas formas de leitura.

BIBLIOGRAFIA

ARISTÓTELES. **Arte Poética.** São Paulo: Martin Claret, 2003.

BHARTES, Roland. **Le degré zero de l'écriture.** Paris: Éditions du Seuil, 1953.

BROSSEAU, Marc. **Les romans geographiques.** Paris: L'Harmatan, 1996.

BROSSEAU, Marc. Geografia e Literatura. In: **Literatura, música e espaço.** CORRÊA, Roberto Lobato, ROSENDAHL, Zeny. (Org.), Literatura, Música e Espaço (v.1, p.17-77). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de Literatura e Estética – A Teoria do Romance**. São Paulo: UNESP/Hucitec, 1990.

BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo.** 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira.** 42 ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1994.

CAPEL, Horácio. **Filosofia y Ciência em la Geografia contemporânea.** Barcelona: Barcanova, 1981.

CARPEAUX, Otto Maria. **História da literatura ocidental**. Vol. 7. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1966.

CASSIRER, Ernst. **Ensaio sobre o homem : introdução à uma filosofia da cultura humana.** São Paulo: Martins Fontes, 1994.

CASSIRER, Ernst. **Liguagem e mito.** 4 ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.

CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1999.

CORREA, Roberto Lobato, ROSENDAHL, Zeny. (Org.). **Literatura, Música e Espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007.

COSGROVE, Denis. **A geografia está em toda parte:** cultura e simbolismo nas paisagens humanas**.** In: CORRÊA, Roberto Lobato & ROSENDAHL, Zeny. (Org.) **Paisagem, Tempo e Cultura**. p.92-103, Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

CYNTRÃO, Silvia Helena. **Como ler o texto poético:** caminhos contemporâneos**.** Brasília: Plano Editora, 2004.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: 1968.

FIORIN, J. L. **Elementos de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2001.

FIORIN, J. L. **Linguagem e Ideologia**. São Paulo: Contexto, 2007.

FURTADO, Celso. 1974. **O Mito do Desenvolvimento Econômico**. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

HAESBAERT, Rogério. Identidades territoriais*.* In: CORRÊA, Roberto Lobato & ROSENDAHL, Zeny.(Org.) **Manifestações da cultura no espaço.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999, p. 169-190.

HAESBAERT, Rogério. **Territórios Alternativos.** 2 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

JUNG, Carl G.. **O homem e os seus símbolos.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

KOZEL, Salete, Org.; SILVA, Josué da Costa, Org.; GIL FILHO, Sylvio Fausto, Org. **Da Percepção e Cognição e Representação:** Reconstruções Teóricas da Geografia Cultural e Humanista. São Paulo: Terceira Margem. 2007.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **A Arte como Encantaria da Linguagem**. São Paulo: Escrituras, 2007.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica: uma Poética do Imaginário**. São Paulo: Escrituras, 2001.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Água da fonte.** São Paulo: Escrituras, 2008.

MAINGUENEAU, D. **Novas Tendências em Análise do Discurso**. Campinas: Pontes, 1994.

MARANDOLA JR, Eduardo, Org.; GRATÃO, Lúcia Helena Batista, Org. **Geografia e Literatura:** Ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação**.** Londrina: EDUEL, 2010.

MELLO, Thiago de. **Amazonas, pátria da água.** São Paulo: Sver & Boccato, 1990.

MELLO, Thiago de. **Num campo de margaridas.** Rio de Janeiro: Philobiblion, 1986.

MELLO, Thiago de. **Vento Geral.** 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.

MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador.** 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

MILLER, Henry. **A hora dos assassinos.** Porto Alegre: LP&M, 1983.

MOREIRA, Ruy. **O pensamento geográfico brasileiro, vol. 1: as matrizes originárias.** São Paulo: Contexto, 2008.

MOREIRA, Ruy. **O pensamento geográfico brasileiro, vol. 2: as matrizes da renovação.** São Paulo: Contexto, 2009.

MORIN, Edgar. **Meus demônios.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

MORIN, Edgar. **Cultura de Massas no século XX:** o espírito do tempo I, neurose**.** Rio de Janeiro: Forense, 1967.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. **O mapa e a trama.** Florianópolis: Ed. da UFSC, 2002.

PAZ, Octávio. **Signos em Rotação**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

PROENÇA FILHO, Domício. **A linguagem literária.** São Paulo: Ática, 2004.

QUAINI, Massimo. **A construção da geografia humana.** 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

PERRONE-MOISÉS. **Inútil Poesia.** São Paulo: Companhia das Letras: 2000.

REUTER, Yves. **Introdução à análise do romance**. São Paulo , Martins Fontes, 1996.

SAID, Edward W. **Humanismo e crítica democrática.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SAID, Edward W**. Orientalismo:** o oriente como uma invenção do ocidente**.** São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SAHR, Wolf-Dietrich. Signos e espaço mundos: a semiótica da espacialização na geografia cultural. In: KOZEL, Salete, Org.; SILVA, Josué da Costa, Org.; GIL FILHO, Sylvio Fausto, Org. **Da Percepção e Cognição e Representação: Reconstruções Teóricas da Geografia Cultural e Humanista.** São Paulo: Terceira Margem. 2007.

SANT'ANNA, Affonso Romano. O que (não) é poesia? **Estado de Minas,** 28 fev. 2010.

SANT'ANNA, Affonso Romano. **Poesia Reunida: 1965-1999.** Porto Alegre: LP&M, 2004.

SANT'ANNA, Affonso Romano. **Que fazer de Ezra Pound?** Rio de Janeiro: Imago, 2003.

SANT'ANNA, Affonso Romano. **Drummond: o gauche no tempo**. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 1992.

SPOSITO, Eliseu Savério. **Filosofia e Geografia:** contribuição para o ensino do pensamento geográfico**.** São Paulo: Editora UNESP, 2004.

STAM, Robert. **Bakhtin, da Teoria Literária á Cultura de Massa.** São Paulo: Ática, 2000.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**. São Paulo, Hucitec, 1996.

SANTOS, Milton. **Por uma geografia nova.** 2 ed. São Paulo: Hucitec, 1980.

SAUER, Carl O. **Geografia Cultural**. In: CORREA, Roberto Lobato, ROSENDAHL, Zeny. (Org.), Geografia cultural: um século (v.1, p.99-110). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2000.

SOUZA, Marcio. **História da Amazônia.** Manaus: Editora Valer, 2009.

TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas.** São Paulo: Perspectiva, 2008.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar.** São Paulo: Difel, 1983.

WATT, Ian. A **ascensão do romance**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.